

CENTRO UNIVERSITÁRIO CURITIBA

CATARINA DÁRIO MODESTO DE ALMEIDA

**O GIGANTE DESPERTA: A ASCENSÃO ECONÔMICA DA CHINA DESDE MAO
TSÉ-TUNG ATÉ XI JINPING**

Curitiba
2023

CATARINA DÁRIO MODESTO DE ALMEIDA

**O GIGANTE DESPERTA: A ASCENSÃO ECONÔMICA DA CHINA DESDE MAO
TSÉ-TUNG ATÉ XI JINPING**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Relações Internacionais como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno E. Vasconcellos

Curitiba
2023

CATARINA DÁRIO MODESTO DE ALMEIDA

**O GIGANTE DESPERTA: A ASCENSÃO ECONÔMICA DA CHINA DESDE MAO
TSÉ-TUNG ATÉ XI JINPING**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção de Bacharel em Relações Internacionais e aprovado em sua forma final pelo curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba.

_____, _____ de _____ de 20____.
Local dia mês ano

Prof. e orientador Carlos Magno E. Vasconcellos, Dr.
Centro Universitário Curitiba

Centro Universitário Curitiba

“Deixem a China dormir porque, quando ela acordar, o mundo inteiro tremerá!”.

Napoleão Bonaparte

RESUMO

A presente pesquisa explora a notável trajetória da expansão econômica da China ao longo do século XXI, focalizando a transição de uma economia fragilizada no período de Mao Tse-tung para seu status atual como uma das maiores economias globais sob o governo de Xi Jinping. Investigamos os fatores-chave que impulsionaram esse crescimento, analisando as políticas econômicas adotadas por cada líder e seu impacto na projeção internacional da China. Este estudo destaca as estratégias transformadoras que moldaram o cenário econômico chinês, delineando uma narrativa que vai além do mero desenvolvimento econômico, incorporando nuances políticas e sociais. Ao compreender essa evolução, buscamos não apenas registrar o sucesso econômico, mas também desvendar as complexidades que fundamentaram a ascensão da China como potência global no século XXI.

Palavras-chave: China. Inovação. Crescimento econômico. Comércio internacional.

ABSTRACT

This research explores the remarkable trajectory of China's economic expansion throughout the 21st century, with a focus on the transition from a fragile economy during Mao Tse-tung's era to its current status as one of the world's largest economies under the leadership of Xi Jinping. We investigate key factors driving this growth, analyzing the economic policies implemented by each leader and their impact on China's international projection. This study highlights transformative strategies that have shaped the Chinese economic landscape, revealing a narrative that extends beyond mere economic development, encompassing political and social nuances. By understanding this evolution, we aim not only to document economic success but also to unravel the complexities that underlie China's rise as a global power in the 21st century.

Key Words: China, Innovation, Economic Growth, International Trade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Crescimento econômico e da renda média na China, na primeira década do século XXI	28
Figura 2 – Setores impulsionadores do crescimento perdem força [Primeira década do século XXI]	31
Figura 3 – Comparativo de performance econômica da China sob os governos de Deng Xiaoping, Jiang Zemin e Hu Jintao	32
Figura 4 – Mapa da Iniciativa Cinturão e Rota destacando as rotas terrestres em vermelho e as rotas marinhas em azul.....	45

LISTA DE ABREVIações

ASEAN	Associação de Nações do Sudeste Asiático
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BRI	Belt and Road Initiative
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
FMI	Fundo Monetário Internacional
ET	Empresas Transnacionais
EUA	Estados Unidos da América
IoT	Internet das Coisas
MiC	Made in China
NDB	Novo Banco de Desenvolvimento
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PCC	Partido Comunista Chinês
PIB	Produto Interno Bruto
RCEP	Parceria Econômica Regional Abrangente
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
UE	União Europeia
ZEE	Zonas Econômicas Especiais

LISTA DE SÍMBOLOS

US\$	Dólar americano
%	Porcentagem

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OS FUNDAMENTOS DA PROSPERIDADE ECONÔMICA DA CHINA NO SÉCULO XXI	13
2.1 A GRANDE TRANSFORMAÇÃO ECONÔMICA DA CHINA APÓS A REVOLUÇÃO DE 1949: DE MAO TSÉ-TUNG A DENG XIAOPING (1949 – 1989) .	13
2.2 O PERFIL DA NOVA SOCIEDADE QUE BROTOU NA CHINA DURANTE AS GESTÕES DE MAO TSÉ-TUNG E DENG XIAOPING (1949 – 1989)	18
2.3 O PAPEL DO ESTADO NA CONSTRUÇÃO DOS PILARES SOCIOECONÔMICOS DO DESENVOLVIMENTO CHINÊS	23
3. A POLÍTICA INDUSTRIAL E DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DA CHINA NOS GOVERNOS DE HU JINTAO E XI JINPING (2003-2022).....	26
3.1 A POLÍTICA INDUSTRIAL E DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DA CHINA NO GOVERNO DE HU JINTAO	27
3.2 A POLÍTICA INDUSTRIAL E DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DA CHINA NO GOVERNO DE XI JINPING	33
4. A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA NOS GOVERNOS DE HU JINTAO E XI JINPING (2003-2022)	39
4.1 A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA NO GOVERNO DE HU JINTAO	40
4.2 A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA NO GOVERNO DE XI JINPING	44
5. CONCLUSÕES FINAIS	50
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

1. INTRODUÇÃO

A trajetória da República Popular da China no século XXI é uma narrativa fascinante que se desdobra diante dos olhos do mundo, moldada por quatro líderes proeminentes, cada um deixando sua marca única na história do país. A ascensão da China como uma potência global é intrínseca não apenas ao seu impressionante crescimento econômico, mas também à habilidade dos líderes em navegar por desafios políticos e sociais complexos. Ao analisar esta expansão, é imperativo compreender não apenas as práticas contemporâneas, mas também as raízes que moldaram o caminho da China ao longo das décadas.

Ao mergulharmos na análise da expansão chinesa, é crucial compreender as nuances das políticas de cada líder e como elas ecoaram ao longo das décadas. A China, com sua história rica e antiga, encontrou-se sob os auspícios de líderes visionários e transformadores. Mao Tse-tung, o visionário revolucionário, estabeleceu as bases do Estado moderno chinês após uma era tumultuada. Deng Xiaoping, por sua vez, guiou o país por reformas econômicas ousadas que o catapultaram para a vanguarda da economia global. Hu Jintao sucedeu Deng, consolidando e expandindo as conquistas anteriores enquanto orientava a China por uma transição política e econômica. E, mais recentemente, Xi Jinping emergiu como um líder assertivo, consolidando o papel da China no cenário internacional e orientando o país em direção a uma visão ambiciosa do futuro.

Cada líder, imbuído de sua própria visão e estratégia, contribuiu para a transformação da China em uma potência global. Seja através da Revolução Cultural, das reformas econômicas, da abertura ao mercado global ou da assertividade diplomática, as políticas desses líderes moldaram a identidade contemporânea da China.

Ao delinear o impacto da expansão chinesa, este estudo procura responder a questões cruciais: Como as políticas de cada líder influenciaram a projeção internacional da China? Qual foi o papel desempenhado por Mao, Deng, Hu e Xi na configuração das relações globais do país? Justificando este escopo, reconhecemos a relevância crítica de entender as nuances e continuidades que caracterizam a política interna e externa chinesa. A análise retrospectiva dessas eras contribuirá para uma compreensão mais holística da trajetória da China no cenário internacional, suas aspirações e os desafios enfrentados ao longo do caminho

Este trabalho tem como objetivo principal analisar e comparar as abordagens de Mao Tse-tung, Deng Xiaoping, Hu Jintao e Xi Jinping em relação à expansão chinesa no século XXI. Além disso, visa compreender como essas abordagens contribuíram para a transformação do papel da China no cenário internacional.

A metodologia adotada neste estudo é essencialmente histórica e bibliográfica, envolvendo uma pesquisa detalhada em artigos acadêmicos, estudos, e obras relevantes ao tema, além do uso de discursos de alguns líderes em questão. A estrutura do trabalho é organizada em três capítulos, cada um dedicado a um período específico de governo, permitindo uma análise sequencial e comparativa. Essa abordagem visa mapear a evolução da expansão chinesa, destacando pontos importantes de cada governo que se mostram relevantes para o estudo.

2. OS FUNDAMENTOS DA PROSPERIDADE ECONÔMICA DA CHINA NO SÉCULO XXI

Até a metade do século XX, a China ainda enfrentava a dura realidade do subdesenvolvimento econômico e da pobreza. Era um imenso país, um verdadeiro mosaico étnico-cultural com uma população que habitava majoritariamente em áreas rurais. Para além desses grandes problemas de natureza socioeconômica, a China convivia desde longa data com invasões externas que fragilizavam ainda mais o país. Foi nesse contexto de grande opressão interna e externa que se forjou a Revolução chinesa de 1949. A Revolução chinesa foi apenas o marco inicial de um processo de transformação rumo ao desenvolvimento do país. Porém, a transformação que se iniciou após a Revolução tinha de se realizar em terreno marcadamente adverso sob todas as perspectivas. Assim, para superar essas adversidades, medidas enérgicas, incluindo o uso da violência, foram adotadas.

A Revolução chinesa de 1949 representou uma guinada significativa na história chinesa, permitindo a construção de uma nação moderna e próspera. Ao adotar uma abordagem mais incisiva, o governo chinês conseguiu superar os desafios e criar uma base sólida para o desenvolvimento do país. A violência política praticada pelos novos líderes do país contra a população era considerada incontornável diante do caos econômico e político em que o país se encontrava; era interpretada como um meio necessário para romper com o passado de atraso e opressão, e estabelecer os fundamentos para o progresso econômico e social.

O período compreendido entre 1949 e 1989, desde Mao Tsé-Tung até Deng Xiaoping, desempenhou um papel crucial na transformação da China de uma nação atrasada e empobrecida para uma das principais potências econômicas do século XX. Nesse contexto, o primeiro capítulo deste trabalho explorará os principais fundamentos sociais, econômicos e políticos estabelecidos na China após 1949.

2.1 A GRANDE TRANSFORMAÇÃO ECONÔMICA DA CHINA APÓS A REVOLUÇÃO DE 1949: DE MAO TSÉ-TUNG A DENG XIAOPING (1949 – 1989)

A Revolução de 1949 marcou o início de uma nova era na história da China, com a ascensão do Partido Comunista ao poder e a implementação de políticas

econômicas e sociais de grande alcance. Sob a liderança de Mao Tsé-Tung, o país passou por um processo intenso de transformação e reestruturação, com o objetivo de estabelecer uma sociedade socialista baseada na autossuficiência e na igualdade social.

A tomada do poder por Mao Tsé-Tung, em 1949, ocorreu em meio a um caos social: o país estava devastado pela guerra contra o domínio japonês e pela guerra civil que enfrentara contra os nacionalistas. O cenário econômico estava longe de ser estável: a agricultura havia sido assolada e a indústria (rudimentar) existente, destruída (YANG, 1990, p. 233-234 apud MILARÉ e DIEGUES, 2015, p. 69).

Após a conquista do poder, o Partido Comunista Chinês (PCC) concentrou seus esforços na recuperação econômica do país, que havia sido afetado pela inflação e pela destruição causada por décadas de conflito. Durante esse período o país experimentou uma mudança significativa em suas políticas econômicas e uma transformação profunda em sua estrutura socioeconômica.

A China enfrentava desafios econômicos imediatos, como danos causados pela guerra, hiperinflação e hostilidade dos países capitalistas devido à intervenção chinesa na Guerra da Coreia, fazendo com que houvesse uma importante aproximação da China em relação à União Soviética. Mesmo diante de muitas adversidades, o governo chinês conseguiu rapidamente restaurar a economia doméstica, controlar a inflação e reabilitar os setores industriais e agrícolas. Até 1952, esses setores já haviam superado os níveis anteriores à Revolução, preparando o terreno para uma nova fase de desenvolvimento (NAUGHTON, 2007 p. 64-65).

A liderança comunista enfrentava o desafio não apenas de reconstruir a infraestrutura e a economia, mas também de equilibrar a distribuição de recursos industriais e produtivos em todo o território chinês. De acordo com Yang (1990, p. 234, tradução livre), “mais de 70% dos ativos industriais e de produção (incluindo a produção artesanal) estavam concentrados nas áreas costeiras, deixando o restante do país com recursos limitados”.

Nesse contexto, emergiu um consenso acerca da necessidade de uma reforma agrária extensa e eficiente. A economia chinesa desse momento possuía uma dualidade econômica refletida pela predominância do setor agrícola como base da economia, onde a grande maioria da população estava envolvida na agricultura,

enquanto a industrialização estava concentrada em poucas áreas urbanas. Isso indica uma disparidade entre o desenvolvimento agrícola e o industrial, com a agricultura desempenhando um papel dominante na economia do país¹ (MILARÉ e DIEGUES, 2015, p. 69).

Entre 1953 e 1957², a China implementou o 1º Plano Quinquenal, inspirado na União Soviética, com foco na industrialização pesada. A economia planificada substituiu a propriedade privada pela estatal e coletiva, enquanto a agricultura passou por um processo de coletivização. Durante esse período, a China expandiu a produção de carvão, ferro, aço, petróleo e derivados. Houve um movimento de debate intelectual, conhecido como o Movimento das Cem Flores, mas que foi interrompido pelo governo com a *Campanha Anti-direitista*, destinada a reprimir dissidentes políticos. Essas mudanças representaram uma transformação significativa na economia e política chinesas (CARVALHO, 2016, p. 4-5).

Durante o governo de Mao Tsé-Tung, a centralização do controle estatal foi intensificada durante o período do *Grande Salto Adiante*, lançado em 1958, com o intuito de impulsionar o progresso econômico e social do país. O programa buscava aumentar simultaneamente a produção agrícola e industrial, promover relações de produção mais igualitárias e descentralizar a atividade econômica em direção ao interior do país. Ademais, é importante mencionar que, a descentralização produtiva também tinha uma motivação militar, visando tornar o país menos vulnerável a ataques externos.

No entanto, o *Grande Salto Adiante* resultou em problemas graves. A força de trabalho agrícola foi desviada para outras atividades, como obras de infraestrutura e produção de aço em pequenas siderúrgicas locais, levando a uma redução drástica na produção de alimentos, além dos desastres naturais que afetaram ainda mais a produção agrícola. Essa queda na oferta de alimentos resultou em uma grave crise de fome, com estimativas de 20 a 30 milhões de mortes relacionadas à falta de alimentos (FAIRBANK, 2008, p.339). Além do país ter ficado isolado internacionalmente e enfrentado conflitos em suas fronteiras:

¹ De acordo com Milaré e Diegues, “a economia era amplamente dependente da agricultura, com cerca de 80% da população vivendo no campo e mais de 70% do PIB advindo do setor primário” (Nabuco, 2009, p. 1; Yang e Fang, 2000, p. 38)”.
² Segundo FAIRBANK e GOLDMAN (2006, p. 331), entre 1953 e 1957, a China cresceu a uma taxa anual média de 8,9% a.a.

[...] a União Soviética retirou técnicos e ajuda financeira no mesmo período, em razão do cisma sino-soviético. Este completo fracasso deu ensejo a uma pequena reviravolta no interior do partido, com algumas medidas políticas que tinham por finalidade afastar Mao Tsé-Tung do poder. Este objetivo foi em certa medida alcançado, passando a China por um curto período de tempo a se recuperar economicamente (MENDONÇA, 2009 p. 15).

Após as frustrações econômicas do final da década de 1950, o governo chinês revisou suas metas e políticas, abandonando o *Grande Salto Adiante* e voltou seus esforços para restaurar a produção agrícola e expandi-la para atender à crescente população. Durante o período de reajuste e recuperação (1961-1965), a estabilidade econômica foi restaurada e a produção agrícola e industrial superou os níveis do período anterior ao *Grande Salto Adiante*. O modelo econômico combinou elementos centralizados e descentralizados, com ênfase no desenvolvimento agrícola, se mantendo inalterada significativamente até as reformas dos anos 80.

Durante esse período de reajuste, o governo chinês adotou políticas moderadas que desagradaram Mao Tsé-Tung, pois foi feita a descentralização da tomada de decisões econômicas. Assim, em 1966, com a preocupação de Mao com o surgimento de uma burocracia crescente dentro do PCC, que ele via como uma ameaça à pureza ideológica do comunismo chinês, foi lançada a *Revolução Cultural*. Essa revolução surgiu como uma forma de mobilizar as massas e eliminar supostos elementos "burgueses" e "revisionistas" dentro do partido e da sociedade chinesa. Ele convocou os jovens a formar a Guarda Vermelha e incitou a rebelião contra as autoridades estabelecidas, promovendo uma atmosfera de luta e conflito.

Em termos de economia prática, a Revolução Cultural produz e fornece o ímpeto revolucionário preciso para se realizar o avanço econômico durante o período do Terceiro Plano Quinquenal (1966-70). Significa uma reorganização de alto a baixo de todos os departamentos, fábricas, usinas, organizações industriais e comunas; um surto na produção foi registrado nos primeiros meses da inovação. Este segundo salto visa à consolidação de todos os ganhos adquiridos durante os últimos dezessete anos, somados à outra aceleração do desenvolvimento, a fim de promover uma taxa de crescimento econômico ainda maior e isto, claro, associado a remodelação ideológica das motivações que está agora tendo lugar (SUYIN, 1968, p. 203).

As reformas de Mao Tsé-Tung impulsionaram a participação da indústria na economia chinesa, com um crescimento significativo que a tornou responsável por 36% do PIB em 1978, enquanto a agricultura representava 37%. Embora o setor

primário ainda tivesse relevância, a consolidação da indústria foi um marco importante alcançado durante a era Mao. Apesar de algumas quedas pontuais no PIB, como após o *Grande Salto Adiante* e o início da *Revolução Cultural*, a China conseguiu manter uma trajetória ascendente, demonstrando um crescimento médio real superior a 4% ao ano. Essa base industrial sólida foi fundamental para que Deng Xiaoping pudesse implementar seu plano bem-sucedido de "quatro modernizações", pavimentando o caminho para o desenvolvimento econômico acelerado da China (MILARÉ e DIEGUES, 2015 p. 72-73).

Após a morte de Mao Tsé-Tung em 1976, Deng Xiaoping emergiu como o líder político dominante do Partido Comunista e iniciou uma série de reformas econômicas abrangentes. A partir de 1978, tornou-se o principal líder chinês responsável por conduzir as reformas econômicas (SOUZA, 2018 p. 28). Foi durante esse período que ocorreu uma reviravolta significativa na direção econômica do país, onde foi implementada um conjunto de medidas que buscavam modernizar a economia chinesa e abrir o país para o comércio internacional.

O programa de Reformas de Deng, o chamado 'socialismo com características chinesas', combina a mudança para uma economia de mercado e sua inserção na arena internacional com a manutenção no âmbito interno do Partido-Estado Comunista. Este programa ressoou com o tardio movimento de auto-fortalecimento que procurou adotar tecnologia ocidental e métodos econômicos (yong) enquanto continuava a manter o Estado e os valores confucionistas. (Fairbank, 2006. p. 408).

As reformas introduzidas por Deng Xiaoping na China ocorreram em várias frentes e tiveram um impacto significativo no desenvolvimento do país. Ele enfatizou a necessidade de um desenvolvimento econômico acelerado e adotou medidas para estimular o crescimento e a modernização. Isso incluiu a descentralização do poder econômico, a transformação da agricultura, o estímulo ao investimento estrangeiro e a criação de zonas econômicas especiais, onde eram implementadas políticas mais liberais para atrair investimentos externos.

A estratégia chinesa de desenvolvimento econômico, formulada no final dos anos 1970, estava vinculada aos objetivos políticos de reunificação do território e de combate ao "hegemonismo", especialmente o da União Soviética. Essa estratégia buscava acelerar o crescimento econômico e expandir a indústria, ao mesmo tempo em que controlava as pressões demográficas e promovia a absorção de capitais estrangeiros (MEDEIROS, 1999).

Essas reformas levaram a um crescimento econômico impressionante, impulsionando a China a se tornar uma potência global. Setores como manufatura, tecnologia e comércio internacional experimentaram avanços significativos. Paralelamente, Deng Xiaoping lançou a política das "quatro modernizações", que visava modernizar os setores agrícola, industrial, tecnológico e de defesa do país. Ele promoveu a descentralização do poder econômico, incentivando a iniciativa empresarial e estimulando o crescimento em todas as regiões da China.

A China adotou uma série de reformas econômicas e políticas, incluindo a reforma agrícola, promoção de exportações, formação de empresas estatais, reforma das empresas estatais, estímulo às empresas coletivas e transição gradual para um sistema de preços misto. A estratégia chinesa também envolveu o enfrentamento das restrições externas, através da substituição de importações e do estímulo ao investimento estrangeiro; o crescimento das exportações e o controle do balanço de pagamentos também foram aspectos importantes da política econômica chinesa. As empresas estatais desempenharam um papel significativo no investimento e na produção industrial, enquanto as empresas privadas e as empresas de vilas e municípios também contribuíram para o desenvolvimento econômico (MEDEIROS, 1999).

Deng Xiaoping buscou abrir o país para o comércio internacional, estabelecendo relações comerciais com outras nações. Ao mesmo tempo, ele enfatizou a importância da estabilidade política e social, fortalecendo o Partido Comunista e criando um ambiente favorável para o desenvolvimento econômico. Essas medidas combinadas ajudaram a impulsionar o crescimento econômico acelerado e a transformação da China em uma das principais potências econômicas do mundo.

2.2 O PERFIL DA NOVA SOCIEDADE QUE BROTOU NA CHINA DURANTE AS GESTÕES DE MAO TSÉ-TUNG E DENG XIAOPING (1949 – 1989)

As gestões de Mao Tsé-Tung e Deng Xiaoping na China trouxeram consigo transformações profundas na estrutura social do país. Durante esse período, a sociedade chinesa passou por mudanças drásticas em termos de organização social, valores, educação, igualdade de gênero e mobilidade social.

As disputas que ocorreram na cúpula do Partido Comunista Chinês (PCC) refletiam diferenças estratégicas sobre a construção do socialismo, e embora tenham ocorrido arbitrariedades, a luta política também envolveu diretamente as massas, especialmente durante a explosiva *Revolução Cultural*. Os veteranos líderes, como Deng, conseguiram reassumir posições-chave no partido e no Estado com o apoio de Mao, enquanto algumas figuras proeminentes, como Liu Shaoqi³, foram expulsas do partido (SOUZA, 2018 p. 27-28).

Nos primeiros anos após a Revolução, a China experimentou um clima de otimismo e reestruturação, resultando em um notável aumento na produção. A partir de 1952, foram implementadas reformas adicionais visando a maximização dos ganhos de escala. Os camponeses foram organizados em cooperativas como parte desse esforço, buscando aumentar a produtividade agrícola e consolidar o controle estatal sobre a distribuição. Gradualmente, os agricultores foram obrigados a entregar suas colheitas ao governo por meio de agências estatais, eliminando as transações conduzidas por agentes privados. Essas mudanças representaram uma transformação significativa no sistema de distribuição, com o governo assumindo o papel de único distribuidor e regulador do mercado agrícola. Conforme destacado por Paggoto:

A gestão das cooperativas de tipo inferior era realizada por meio de uma direção e as famílias trabalham como equipes. As glebas foram unificadas, sendo trabalhadas como uma única unidade produtiva. O resultado da produção continuava a pertencer ao usufruto de cada família, mas calculado por um sistema de "pontos-trabalho". Esse sistema surge como uma forma de remunerar de um modo mais justo o trabalho agrícola. Na época dos grupos de ajuda mútua, a remuneração do trabalho era feita pelo resultado de uma jornada (ou meia jornada) de trabalho, sem levar em conta a qualidade ou a quantidade do trabalho realizado. Depois da formação das cooperativas, esse sistema mostrou-se insuficiente, na medida em que se buscava uma maneira de remunerar o trabalho por meio de um sistema em que pudesse aplicar o princípio de "a cada um segundo o seu trabalho". (Marchisio, 1966 apud Paggoto, 2006, p. 6)

Durante o governo de Mao, houve uma ênfase significativa na mobilização e participação popular. A *Revolução Cultural*, por exemplo, incentivou a participação ativa dos jovens e trabalhadores na transformação social e política do país. Esse período também testemunhou a formação de comunas e o fortalecimento do coletivismo, em que a coletivização agrícola e a produção coletiva eram promovidas.

³ Ex-presidente da República Popular da China, expulso do partido por resolução da Plenária do Comitê Central, em outubro de 1968.

A ideologia maoísta, influenciada pelo socialismo soviético, enfatizava a participação ativa das pessoas na criação do bem-estar social e priorizava o interesse coletivo em detrimento do individual. O objetivo do igualitarismo, uma das bases do regime, era reduzir as desigualdades de classe e alcançar maior igualdade ao longo do tempo.

O ex-presidente via a luta de classes como um meio de atingir esses objetivos, adotando uma abordagem militarista e estratégica desde a guerra civil contra o *Kuomintang*⁴. Mao defendia que a luta revolucionária não deveria ser um evento pontual, mas um processo constante e progressivo. Ele via as revoluções como um meio de promover mudanças sociais e alcançar a igualdade entre as pessoas. Sua visão era influenciada por suas ideias marxista-leninistas, que enfatizavam a necessidade de transformar as estruturas sociais existentes para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária (Nabuco, 2009, p. 4).

De acordo com Dikötter (2016), durante o governo de Mao Tsé-Tung, houve um forte incentivo à educação como parte de sua visão para transformar a sociedade chinesa. Mao acreditava que a educação era um meio essencial para moldar a consciência das massas e disseminar a ideologia comunista. Ele enfatizou a importância da educação política, na qual os cidadãos deveriam ser doutrinados nas ideias do maoísmo e ter Mao como modelo a ser seguido.

Nesse contexto, Mao promoveu a criação de escolas populares e instituições de ensino que difundissem sua ideologia e doutrinação política. O objetivo era moldar a mentalidade das pessoas, inculcando nelas os princípios do comunismo e estimulando o culto à personalidade de Mao. Aqueles que se destacavam na doutrinação política e demonstravam lealdade ao regime eram promovidos à Guarda Vermelha⁵ e eram valorizados e recompensados pelo governo.

Uma das medidas adotadas pelo regime foi a *Campanha de Movimento para a Educação do Povo*⁶. Essa campanha tinha como objetivo promover a alfabetização e disseminar os princípios do comunismo entre a população, além, também, da

⁴ Partido Nacionalista chinês que liderou o movimento republicano na China, no início do século XX. Teve como líder maior o militar Chiang Kai-Shek, que assumiu o controle do Partido em 1925. Reuniu em seu interior as classes dominantes da China e adotou um programa político reformista-conservador em oposição aos ideais revolucionários do Partido Comunista chinês. (Jabbour, 2020)

⁵ Os *Red Guards* eram grupos de estudantes e jovens militantes que foram mobilizados durante a Revolução Cultural na China para promover e defender os ideais maoístas.

⁶ Também conhecida como Campanha de Reestruturação Cultural.

criação de escolas populares, onde os camponeses e trabalhadores receberam treinamento político e educação básica.

No entanto, é importante destacar que o incentivo à educação durante o governo de Mao foi acompanhado de restrições e limitações. Após o período inicial de incentivo à educação, durante a *Revolução Cultural*, as instituições educacionais foram severamente afetadas, com o fechamento de escolas e universidades e a perseguição de estudantes, intelectuais e acadêmicos considerados contrários ao regime, resultando em um declínio no progresso e no desenvolvimento do país. A ênfase na educação política e na doutrinação ideológica acabou suprimindo a liberdade de pensamento e limitando o desenvolvimento de uma educação abrangente e crítica.

Esse regime foi marcado pela perseguição e repressão daqueles que expressavam discordância em relação ao governo. Aqueles que se opunham ao governo eram perseguidos e tidos como traidores, resultando em grande número de mortes e uma repressão estatal intensa. A dinâmica desse período era complexa, mas principalmente reprimia qualquer forma de dissidência política, levando a um período de instabilidade e conflito. As consequências da *Revolução Cultural* foram profundas e duradouras, deixando um legado de mortes, perda de identidade cultural, desintegração social e um abalo na confiança da população nas instituições governamentais (Dikötter, 2016).

Com a chegada de Deng Xiaoping ao poder em 1978, a China passou por reformas econômicas e sociais abrangentes que impulsionaram o desenvolvimento do país. Deng implementou uma série de medidas, incluindo a abertura econômica e a busca por investimentos estrangeiros, visando modernizar a economia chinesa. Além disso, Deng Xiaoping priorizou a melhoria das condições de vida da população, buscando elevar o padrão de vida por meio de políticas de reforma agrária e investimentos em infraestrutura que tiveram um impacto significativo no perfil da sociedade chinesa.

Uma das principais áreas de reforma foi a educação. Deng reconheceu a importância do conhecimento e da formação educacional para impulsionar o desenvolvimento do país. Ele implementou políticas que promoveram a expansão e a modernização do sistema educacional, buscando elevar o nível de educação da população chinesa. Deng declarou, em 1977:

Em nosso esforço para concretizar a modernização, o ponto chave é elevar o nível de nossa ciência e tecnologia. Para desenvolvermos essas últimas, é imprescindível o nosso empenho na educação. [...] Temos de criar no seio do Partido uma atmosfera de respeito ao saber e de estima às pessoas de talento. (DENG, 1984, p. 54-55).

Outra reforma social importante foi a política de planejamento familiar, conhecida como a "política do filho único", adotada a partir de 1979. Essa política foi implementada com o intuito de conter o crescimento demográfico e enfrentar os desafios decorrentes da superpopulação. Na época, a China enfrentava desafios significativos em termos de recursos limitados, escassez de alimentos e pressões sobre a infraestrutura e serviços públicos. O governo chinês acreditava que controlar o crescimento populacional era fundamental para garantir o desenvolvimento econômico e melhorar as condições de vida da população. Embora tenha sido controversa e tenha gerado críticas, a política do filho único teve um impacto significativo na demografia da China, evitando uma explosão populacional que seria difícil de suportar.

Além disso, Deng Xiaoping adotou uma política de abertura ao comércio internacional e investimento estrangeiro. Essa abertura econômica permitiu que a China se engajasse mais ativamente no comércio global e se beneficiasse dos avanços tecnológicos e das oportunidades de negócios internacionais. Isso impulsionou o crescimento econômico do país e trouxe mudanças sociais consideráveis, como a urbanização acelerada, o aumento das oportunidades de emprego e o surgimento de uma ampla classe média.

Desde o início das reformas em 1979, a política de portas abertas corresponde à compreensão de que a integração à economia internacional é um recurso decisivo para a modernização tecnológica e a expansão produtiva e comercial da China. Uma complexa estratégia, combinando liberalização e regulação estatal, tem moldado essa integração chinesa à economia mundial (SOUZA, 2018 p.142).

Assim, ao longo desses períodos, é possível afirmar que a educação na China foi uma das ferramentas-chave para transformar a sociedade. Ela desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento humano, na formação de uma força de trabalho qualificada e na promoção da mobilidade social. Através da educação, a China buscou impulsionar seu progresso econômico, expandir oportunidades e elevar o padrão de vida da população. A educação do povo chinês

era entendida como o fundamento do desenvolvimento tecnológico sustentado do país no médio prazo. Por isso, às políticas educacionais se juntou uma política de atração de tecnologia estrangeira sob o controle do Estado chinês. Aquele perfil agrário e semialfabetizado que caracterizava a população chinesa antes de 1949 ia, assim, ficando para trás e, em seu lugar surgia lentamente uma China majoritariamente alfabetizada e familiarizada com a ciência.

2.3 O PAPEL DO ESTADO NA CONSTRUÇÃO DOS PILARES SOCIOECONÔMICOS DO DESENVOLVIMENTO CHINÊS

Durante as gestões de Mao Tsé-Tung e Deng Xiaoping, o Estado chinês desempenhou um papel central e decisivo na construção dos pilares socioeconômicos que impulsionaram o desenvolvimento do país. Inicialmente, durante o governo de Mao Tsé-Tung, o Estado assumiu uma posição proeminente ao implementar um planejamento centralizado e promover uma economia socialista. Nesse período, o Estado controlava os meios de produção, direcionava os recursos e estabelecia metas econômicas para guiar o desenvolvimento do país.

Esses processos foram capazes de dinamizar a economia do período e estimular a industrialização em um sentido mais amplo. O PIB real entre 1952 e 1978 cresceu a uma média de 4,7% ao ano. Tão importante quanto o crescimento do PIB auferido no período foi a transformação qualitativa no sistema produtivo chinês, que pôde contar com uma crescente participação da indústria no PIB, em detrimento de uma menor participação da agricultura (MILARÉ e DIEGUES, 2015).

Além da eliminação da classe burguesa que se beneficiava do governo, foi também estabelecido um processo de reformas em que as empresas privadas existentes eram obrigadas a obter empréstimos de fundos públicos e trabalhar em parceria com órgãos fiscais, recebendo crédito e matérias-primas. O Estado promoveu fusões entre as estatais e essas empresas privadas, tornando-as propriedade do governo (Paggoto, 2006, p. 4). Assim, em poucos anos após a Revolução, o Estado já controlava a produção e o fornecimento de bens agrícolas por meio de uma rede de empresas estatais. Essas reformas forneceram ao Estado as ferramentas iniciais para implementar uma estratégia industrial com controle e planejamento estatal. O caráter revolucionário imposto por Mao durante seu governo

teve como objetivo romper com a inércia tradicional e conduzir as mudanças necessárias para a modernização da China (MILARÉ, DIEGUES, 2012, p. 366).

A estratégia política na China, sob liderança do Estado, buscou simultaneamente a modernização das Forças Armadas, o controle territorial e a manutenção de uma taxa de câmbio competitiva. No âmbito econômico, o Estado chinês exerceu influência significativa, com os planos quinquenais guiando a estratégia econômica do país, apesar do influxo de capital estrangeiro nas zonas especiais de exportação e no mercado interno. Esses planos delimitaram as metas e direcionamentos para setores-chave da economia, permitindo uma coordenação efetiva entre os diversos atores envolvidos. Esses pilares desempenharam um papel significativo tanto no âmbito político quanto no econômico, impulsionando o crescimento e fortalecendo a soberania do país (MEDEIROS, 2013).

No período pós-Mao, apesar de uma relativa descentralização da economia, os líderes chineses mantiveram a abordagem ativa e intervencionista do Estado na economia, com o governo desempenhando um papel central no planejamento econômico. Planos de longo prazo como, por exemplo, o plano de 10 anos de Hua Guofeng, foram implementados, delineando metas específicas e projetos prioritários para impulsionar setores-chave da economia.

A transição chinesa para uma economia descentralizada foi caracterizada por um controle político rigoroso e uma estratégia gradual de abertura econômica. Deng Xiaoping, líder chinês, implementou as *Quatro Modernizações* como uma estratégia de unificação do nacionalismo chinês e legitimação do governo socialista, incorporando elementos capitalistas controlados pelo Estado. Essa abertura não foi improvisada, mas sim planejada, criando um sistema econômico original de capitalismo estatal com participação privada, sob forte controle estatal (LEÃO, 2012).

Durante as reformas e abertura econômica na China, implementadas a partir do final da década de 1970, foram adotadas medidas como descentralização do poder econômico, reformas na agricultura, atração de investimento estrangeiro e criação de zonas específicas para o processamento de mercadorias para exportações. Essas políticas estimularam o surgimento de conglomerados industriais altamente especializados, impulsionaram o comércio internacional e fortaleceram a economia chinesa. A liberalização do comércio, a abertura da economia para investimentos estrangeiros e as reformas no setor agrícola foram pilares

fundamentais dessa transformação, que permitiu à China se tornar uma potência econômica global nas últimas décadas.

A estratégia de desenvolvimento chinês, construída pelo Estado, foi baseada em três eixos principais. Primeiramente, houve a expansão da indústria pesada e a construção da infraestrutura de transporte necessária para a importação de matérias-primas cruciais na economia global. Em seguida, a China buscou se inserir na cadeia produtiva regional liderada pelos produtores asiáticos e na cadeia global de commodities, onde as *tradings* americanas têm um papel central. Por fim, o Estado direcionou esforços para a modernização industrial, por meio de investimentos em tecnologia e políticas de substituição de importações. A internacionalização das grandes empresas, tanto nos setores tradicionais como energia e indústria pesada, quanto na indústria eletrônica, também fizeram parte da estratégia estatal voltada para assegurar um alto crescimento econômico (MEDEIROS, 2013).

Na gestão da economia e na busca pela estabilidade, o Estado implementou políticas de controle de preços, câmbio e restrições comerciais e impulsionou a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico, estimulando a inovação e o surgimento de indústrias de alta tecnologia. Além dessas medidas, o Estado teve um papel significativo na promoção da educação e saúde, visando melhorar o capital humano e a qualidade de vida da população. Políticas de proteção social e redução da pobreza foram implementadas para garantir uma distribuição mais equitativa dos benefícios do crescimento econômico.

A estratégia de desenvolvimento da China envolveu a expansão da indústria pesada, a construção de infraestrutura de transporte, inserção na cadeia produtiva regional e global, modernização industrial e internacionalização das empresas. No entanto, é importante ressaltar que esse crescimento econômico, impulsionado pelo Estado, também trouxe desafios. A concentração espacial da renda nas cidades costeiras e setorial na indústria levaram a uma grande disparidade de renda e à marginalização dos camponeses pobres.

3. A POLÍTICA INDUSTRIAL E DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DA CHINA NOS GOVERNOS DE HU JINTAO E XI JINPING (2003-2022)

O século XX foi testemunha de uma China em constante evolução, desde os estágios iniciais da Revolução chinesa até as reformas econômicas lideradas por Deng Xiaoping nas décadas de 1970 e 1980. Essas reformas abriram as portas para uma economia de mercado, introduzindo elementos de liberalização e incentivando a participação do setor privado na economia.

Jiang Zemin, que sucedeu Deng Xiaoping, desempenhou um papel fundamental na continuação e consolidação dessas reformas. Durante seu governo (1993-2003), a China testemunhou um crescimento econômico expressivo, impulsionado pela industrialização e exportação. Um marco significativo foi atingido em 2000, quando o produto interno bruto (PIB) do país alcançou US\$1,2 trilhão. O investimento maciço em infraestrutura, como estradas, ferrovias e instalações portuárias, foi uma peça central da estratégia de Jiang Zemin para impulsionar a industrialização.

Essa estratégia não apenas acelerou o crescimento econômico, mas também facilitou a inserção ativa da China nas cadeias globais de produção. Essa abordagem estratégica estabeleceu as bases para um notável crescimento econômico nas duas primeiras décadas do século XXI, com taxas anuais mantidas entre 8% e 14% na primeira década. Esse fenômeno não apenas consolidou a posição da China como uma potência econômica global, mas também evidenciou a continuidade do sucesso iniciado durante o governo de Jiang Zemin. Essa era representou uma transformação significativa nas estruturas econômicas chinesas e estabeleceu as bases para o subsequente desenvolvimento econômico sob a gestão de Hu Jintao (2003 – 2013).

As lideranças de Hu Jintao e Xi Jinping (Presidente da China desde 2013) desempenharam papéis significativos na transformação da economia chinesa, impulsionando o país de uma economia de manufatura de baixo custo para uma força inovadora e tecnológica de classe mundial. Neste capítulo, será explorado as principais estratégias, políticas e iniciativas adotadas pela China para promover seu desenvolvimento industrial e tecnológico durante esses anos, e como essas políticas moldaram o panorama econômico chinês.

3.1 A POLÍTICA INDUSTRIAL E DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DA CHINA NO GOVERNO DE HU JINTAO

Durante o governo de Hu Jintao, houve um impressionante crescimento econômico da China, com ênfase na rápida expansão do número de bilionários, indicando mudanças significativas na paisagem econômica e social do país ao longo desse período.

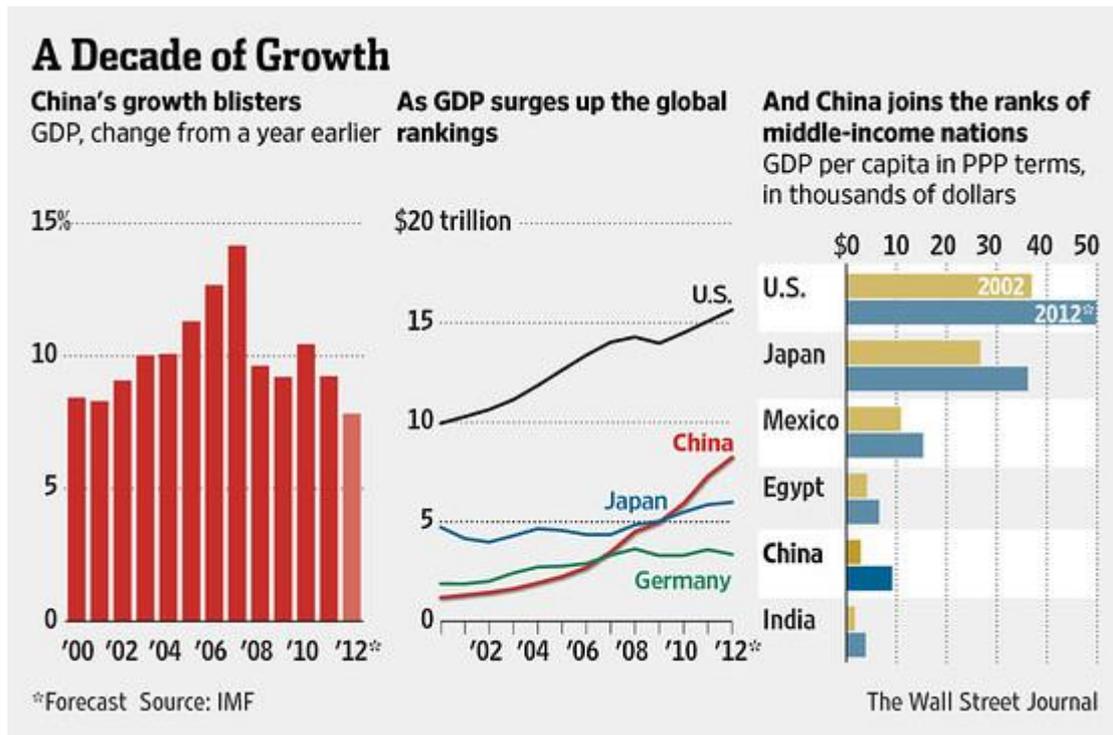
When Hu took over from Jiang in 2002, China became the world's sixth largest economy. The economy was still going strong after two decades of continuous growth, as GDP breached the 10 trillion yuan (US\$ 1.2 trillion) mark for the first time. The national deflation of the late 1990s was finally harnessed by 2002, recording a more controlled 1.2% inflation in 2003. National confidence reached an unprecedented high⁷ (ZHENG; TOK, 2007).

No decorrer de seu mandato a economia chinesa mais do que quadruplicou, expressando não só um crescimento econômico quantitativo, mas também um rápido desenvolvimento de setores e indivíduos com grande riqueza, refletindo a ascensão da China como uma potência econômica global. O número de bilionários na China aumentou significativamente de alguns para 271, tornando-a uma das nações com o maior número de bilionários no mundo (BBC News, 2012).

A China experienciou um enorme crescimento de seu PIB, sendo marcado por um período em que a China consolidou sua posição como uma das principais potências econômicas globais, superando desafios econômicos e alcançando uma estabilidade que influenciou positivamente a confiança da população no país.

⁷ “Quando Hu substituiu Jiang em 2002, a China havia se tornado a sexta maior economia do mundo. A economia continuava forte após duas décadas de crescimento contínuo, com o PIB a ultrapassar pela primeira vez a marca dos 10 bilhões de yuans (1,2 bilhões de dólares). A deflação nacional do final da década de 1990 foi finalmente controlada em 2002, registrando uma inflação mais controlada de 1,2% em 2003. A confiança nacional atingiu um nível sem precedentes.” (Tradução livre)

Figura 1 – Crescimento econômico e da renda média na China, na primeira década do século XXI.



Fonte: The Wall Street Journal (<https://www.wsj.com/articles/bl-cjb-16841>)

Esse crescimento econômico estrondoso se deve principalmente ao incentivo à industrialização e as políticas pró-inovação e desenvolvimento tecnológico implementadas por este governo. Durante o período em que Hu ocupou a presidência da China, a política industrial foi um elemento-chave na estratégia do país para alcançar o desenvolvimento econômico sustentável e se posicionar como uma potência global. Essa abordagem abrangente incorporou diversos elementos para impulsionar setores estratégicos e promover a inovação tecnológica.

O governo chinês colocou como essencialidade em suas políticas industriais e de inovação a necessidade de reduzir a dependência do investimento estrangeiro e desenvolver as capacidades das empresas nacionais, comumente chamado na literatura neo-schumpeteriana de “indigenous innovation” e “indigenous capabilities” (NONNENBERG; LIMA; BISPO, 2021 p.11).

No contexto chinês, o termo “*indigenous innovation*” reflete uma abordagem decisiva do governo para impulsionar o setor de alta tecnologia e reduzir a dependência de tecnologias estrangeiras. O objetivo era ampliar a capacidade nacional de inovação, tornando-a o impulsionador central do crescimento

econômico. A estratégia ressalta a necessidade de desenvolver tecnologias próprias e, ao mesmo tempo, de forma criteriosa, absorver conhecimento externo para fortalecer suas capacidades. A dependência tecnológica estrangeira é vista como uma vulnerabilidade, e a busca por autonomia é evidente na ênfase dada aos esforços domésticos na geração de conhecimento. Essa ênfase não apenas busca reduzir a vulnerabilidade, mas também capacitar o país para ser uma potência inovadora e tecnologicamente independente, capaz de liderar em áreas estratégicas e garantir um crescimento duradouro (NONNENBERG; LIMA; BISPO, 2021 p.10).

Assim, a estratégia de “*indigenous innovation*” representa não apenas uma mudança na dinâmica tecnológica da China, mas também uma visão abrangente de como o país busca equilibrar autonomia com a utilização estratégica de recursos externos, acelerando seu progresso tecnológico de maneira sustentável⁸.

A inovação tecnológica emergiu como um pilar fundamental durante este período. Consciente da importância de manter-se na vanguarda, o governo incentivou ativamente as empresas a investirem em pesquisa e desenvolvimento. Essa ênfase na inovação não apenas impulsionou a competitividade interna, mas também fortaleceu a posição da China como um centro de excelência tecnológica. Investimentos substanciais foram direcionados para áreas como tecnologia da informação, biotecnologia, indústria aeroespacial e energias renováveis. O objetivo era não apenas acompanhar, mas liderar a corrida tecnológica global, reforçando a competitividade dessas indústrias.

O governo de Hu Jintao adotou uma abordagem abrangente para fortalecer a competitividade global da China, concentrando-se no desenvolvimento sustentável de setores estratégicos e de alta tecnologia. Incentivos fiscais e subsídios foram estrategicamente implementados com o objetivo não apenas de atrair investimentos, mas também de promover o avanço dessas indústrias.

Durante esse período recente em que a política industrial e de inovação ganhou mais centralidade na China, na administração do presidente Hu Jintao (2003-2012), a política industrial teve um caráter considerado mais estatista, com o governo promovendo grandes projetos de infraestrutura em grande escala, implementando medidas de proteção para as estatais e desacelerando o ritmo das reformas de mercado. A ideia era permitir que as empresas chinesas recuperassem a participação de mercado contra as

⁸ A política industrial de Hu Jintao demonstrou uma preocupação crescente com o desenvolvimento sustentável e o controle ambiental, procurando alinhar o crescimento econômico com práticas industriais mais limpas.

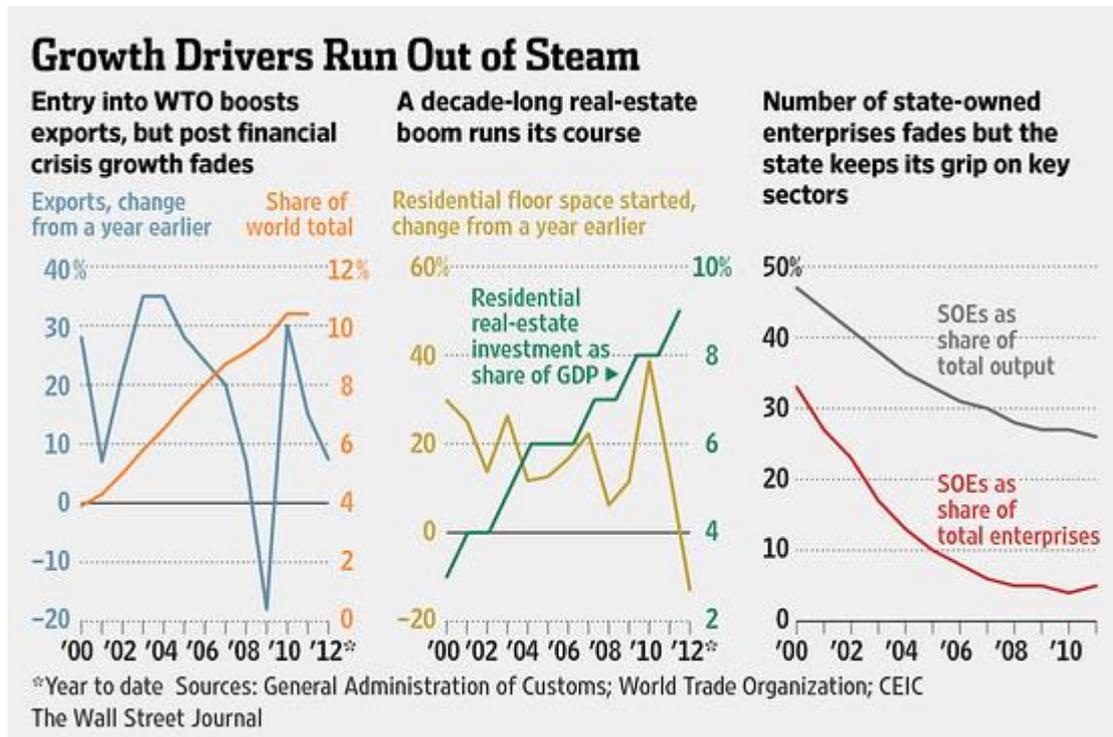
empresas estrangeiras que ingressaram no país na década anterior. As maiores empresas estatais foram reorganizadas sob uma agência do governo central com o objetivo de transformá-las em campeãs globais (KROEBER, 2020 apud NONNENBERG; LIMA; BISPO, 2021, pág. 11-12).

A estratégia de desenvolvimento industrial multifacetada de Hu se destacou pela ênfase na modernização da indústria manufatureira e pela busca ativa da integração nas cadeias globais de valor. Investimentos substanciais foram direcionados para a indústria manufatureira, visando aprimorar eficiência e capacidade produtiva. Esse enfoque não só impulsionou o crescimento econômico interno, mas também consolidou a China como uma potência de manufatura, desempenhando um papel significativo nas cadeias globais de produção.

A modernização não se limitou ao aumento da capacidade de produção; houve um foco explícito na melhoria da qualidade e da competitividade dos produtos chineses. Esse investimento estratégico contribuiu para posicionar a China como um ator influente nas dinâmicas industriais globais. Além disso, a política de integração nas cadeias globais de valor foi fundamental, o governo buscou ativamente parcerias estratégicas não apenas para impulsionar o comércio internacional, mas também para promover colaborações tecnológicas. Essa abordagem significava não apenas vender produtos, mas participar ativamente no desenvolvimento conjunto de tecnologias, aumentando a posição chinesa na hierarquia tecnológica global.

Portanto, a estratégia de desenvolvimento industrial de Hu Jintao não só impulsionou o crescimento econômico interno, mas também desempenhou um papel crucial na consolidação da China como um ator estratégico e influente nas dinâmicas industriais globais. Vale ressaltar que os investimentos maciços em infraestrutura, como estradas, ferrovias e portos, foram fundamentais para facilitar o crescimento industrial e fortalecer a conectividade logística.

Figura 2 – Setores impulsionadores do crescimento perdem força
[Primeira década do século XXI]



Fonte: The Wall Street Journal (<https://www.wsj.com/articles/bl-cjb-16841>)

Vale a pena ressaltar que o sucesso econômico chinês pode ser atribuído à promoção de grandes centros urbanos e industriais, uma estratégia que remonta aos tempos de Deng Xiaoping. O massivo êxodo rural resultou no aumento da população urbana do país, passando de 191 milhões em 1980, cerca de 20% do total nacional, para aproximadamente 600 milhões em 2007, representando cerca da metade da população total.

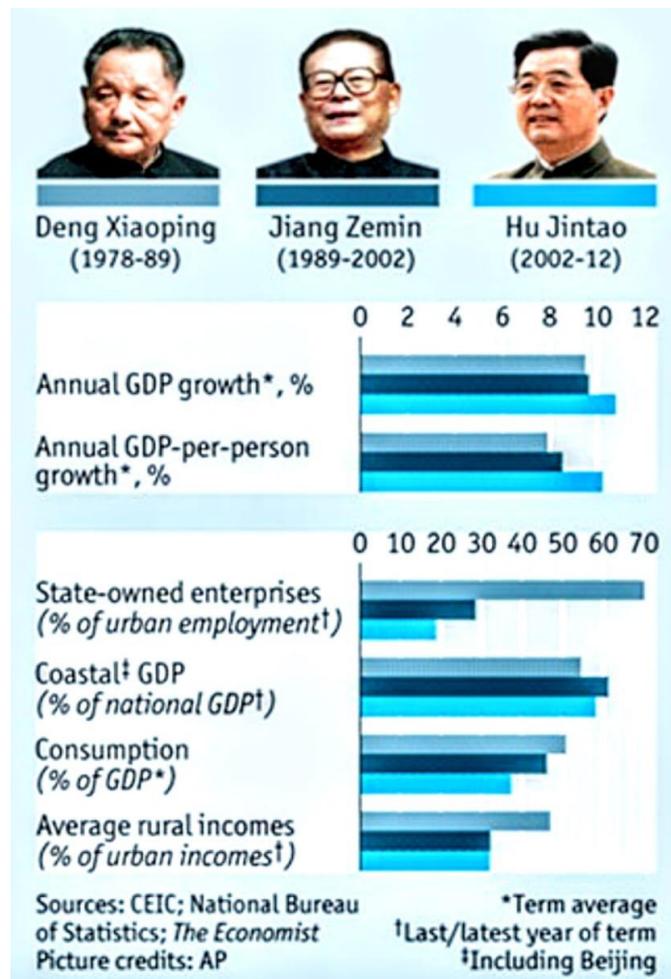
Na década de 1980, o governo tomou medidas significativas ao designar Shenzhen como uma das Zonas Econômicas Especiais (ZEE) do país. Essas ZEEs foram criadas para testar o modelo de capitalismo chinês, implementando leis e práticas econômicas atraentes para o investimento estrangeiro. Ao longo de duas décadas de crescimento constante, Shenzhen emergiu como uma das estrelas da revolução econômica chinesa no novo milênio (BBC News Brasil, 2021).

A história da explosão econômica da China na primeira década do século pode ser contada em números, todos impressionantes. Em 2000, o Produto Interno Bruto (PIB) do país era de US\$1,2 trilhão. Com taxas anuais de crescimento entre 8% e 14% de 2001 a 2010, o PIB chinês disparou no período. Chegou aos US\$5 trilhões em 2009 e atingiu US\$6 trilhões no ano seguinte. Em apenas uma década, a economia chinesa foi multiplicada por cinco. Com crescimento populacional relativamente controlado, o PIB per

capita acompanhou a trajetória: foi de US\$1.053, em 2001, para US\$4.550 em 2010 (BBC News, 2021).

“Apesar de Deng Xiaoping ter herdado uma China em plena bancarrota depois da Revolução Cultural e Jiang Zemin ter enfrentado uma grave crise depois de 1989, Hu Jintao teve um governo com menos sobressaltos e se beneficiou das conquistas de Jiang” (G1, 2007). A política industrial de Hu representou uma abordagem abrangente e estratégica para impulsionar o desenvolvimento econômico da China. Essa estratégia desempenhou um papel crucial no notável crescimento econômico e na transformação do país em uma potência industrial e tecnológica global.

Figura 3 – Comparativo de performance econômica da China sob os governos de Deng Xiaoping, Jiang Zemin e Hu Jintao



Fonte: The Economist (<https://www.economist.com/finance-and-economics/2012/11/17/the-paramountest-leader>)

3.2 A POLÍTICA INDUSTRIAL E DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DA CHINA NO GOVERNO DE XI JINPING

A chegada de Xi Jinping à presidência da China em 2013 marcou um período significativo de reavaliação e reformulação do modelo econômico do país. As mudanças eram necessárias devido a desafios específicos identificados, notadamente o excesso de capacidade na indústria pesada, que representava uma limitação ao desenvolvimento econômico sustentável⁹. O modelo anterior, baseado fortemente em investimentos pesados e exportações, enfrentava limitações devido à dependência excessiva de setores específicos, o que resultava em capacidade produtiva excedente e falta de diversificação. Essa abordagem mostrou-se insustentável, exigindo uma transição para um modelo mais equilibrado e voltado para o consumo e serviços (MOREIRA, 2022).

Xi Jinping buscou reequilibrar a economia chinesa através de diversas iniciativas. Desregulamentar os preços de insumos cruciais, como energia, terra e capital, era uma estratégia para estimular investimentos mais eficientes e orientados para o mercado. Além disso, a racionalização do número de empresas estatais era parte integrante dessa transformação, abrindo espaço para o crescimento do setor privado e melhorando a eficiência geral da economia. A promoção do setor de serviços como componente crucial para a transformação econômica visava diversificar a estrutura econômica chinesa. Ao impulsionar os serviços, a China buscava reduzir a dependência de setores intensivos em recursos e criar uma economia mais voltada para o consumo interno, gerando crescimento sustentável a longo prazo (MOREIRA, 2022).

Essas mudanças foram parte de uma abordagem mais ampla para modernizar a economia chinesa, tornando-a mais resiliente e voltada para a inovação. A ascensão de Xi Jinping marcou uma fase de reformas estruturais profundas que buscavam posicionar a China como um *player* econômico ainda mais influente e sustentável no cenário internacional. Essas transformações moldaram significativamente o curso do desenvolvimento econômico chinês nos anos subsequentes.

⁹ A ênfase na sustentabilidade e inovação verde também esteve presente no governo de Xi Jinping. Marcou uma mudança em direção a práticas mais ambientalmente conscientes, com incentivos a tecnologias e práticas que promovem o desenvolvimento econômico de maneira sustentável.

No ano de 2013, durante uma visita à Academia Chinesa de Ciências, o líder chinês identificou quatro desafios cruciais, denominados "quatro desajustes", relacionados ao desenvolvimento tecnológico. Esses desafios destacaram a necessidade de integrar a inovação ao progresso socioeconômico, fomentar a inovação endógena, criar um ambiente propício à inovação e promover a cooperação internacional em ciência e tecnologia. A importância atribuída a esses temas foi evidenciada pela prática contínua de sessões de estudo abordando o desenvolvimento socioeconômico, com foco especial em tecnologias emergentes, realizadas pela liderança chinesa desde 2002. Xi Jinping destacou a necessidade de "energia positiva"¹⁰ na sociedade, embora haja preocupações sobre a possível restrição ao pensamento crítico decorrente dessa abordagem (UNESCO, 2016).

Ainda nesse ano, foi lançada a *Belt and Road Initiative* (BRI), que representa não apenas um marco na busca da China pela expansão de sua influência econômica global, mas também desempenha um papel fundamental no desenvolvimento e fortalecimento de suas indústrias internas. Essa iniciativa ofereceu uma gama de vantagens para as indústrias chinesas, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento sustentável e no fortalecimento das indústrias internas. Ao criar uma plataforma para cooperação internacional, a BRI impulsionou o crescimento econômico chinês, estimulando a inovação, diversificação e expansão das indústrias do país no cenário global.

A Iniciativa *Belt and Road* (BRI) é um ambicioso plano que visa não apenas desenvolver novas rotas comerciais, mas também fortalecer a posição econômica e política da China. Existem três principais motivações por trás da BRI, primeiramente, está a rivalidade com os Estados Unidos, buscando criar rotas comerciais mais seguras e independentes do estreito de Malaca, um ponto crucial sob influência dos EUA. Em segundo lugar, a BRI surge como resposta à crise financeira de 2008, proporcionando um mercado alternativo para as empresas estatais chinesas além das fronteiras nacionais. Por fim, a iniciativa desempenha um papel crucial na estratégia do governo chinês para impulsionar as economias das regiões centrais do

¹⁰ A expressão "energia positiva" mencionada no texto se refere a uma ênfase dada pelo líder chinês Xi Jinping à promoção de uma atitude otimista e construtiva na sociedade chinesa. O objetivo é fomentar uma cultura que apoie os esforços do governo e do país em diversas áreas, incluindo a ciência, tecnologia e inovação. No entanto, há preocupações de que essa ênfase na "energia positiva" possa, eventualmente, limitar o pensamento crítico, se a discussão de problemas for interpretada como "energia negativa". Essa dinâmica busca, portanto, moldar a percepção pública e as atitudes em direção a uma visão mais otimista e construtiva do futuro.

país, historicamente menos desenvolvidas que as áreas costeiras. Dessa forma, a BRI reflete a política industrial e de desenvolvimento tecnológico da China, promovendo sua influência global e estimulando setores específicos para um crescimento equitativo (JIE; WALLACE, 2021).

Em agosto de 2014, durante a sétima reunião do *Grupo Central de Liderança para Assuntos Financeiros e Econômicos*, presidida por Xi Jinping, foi discutida uma estratégia de desenvolvimento impulsionada pela inovação. Essa estratégia foi formalmente lançada pelo Comitê Central do Partido Comunista Chinês e pelo Conselho de Estado em março de 2015, refletindo a importância atribuída à inovação na reestruturação do modelo de desenvolvimento econômico da China (UNESCO, 2016).

No mesmo ano de 2015, a China reforçou seu comprometimento com políticas industriais e desenvolvimento tecnológico, visando uma transformação abrangente da economia. Uma das iniciativas mais emblemáticas foi o lançamento da "*Made in China 2025*", uma estratégia ambiciosa para impulsionar setores de alta tecnologia e reduzir a dependência de tecnologias estrangeiras.

A China trabalha aceleradamente para consolidar um sistema de apoio à inovação sofisticado e orientado para resultados (mission oriented). O tratamento recebido pela indústria é exemplar dessa diretriz, seja pela necessidade de acompanhar as principais tendências tecnológicas, seja por conta do lugar ocupado pela China como a maior produtora mundial de bens de segunda geração, com base em tecnologias maduras. Mais recentemente, os planos do Estado para a indústria ganharam substância com o anúncio do programa *Made in China 2025* (MiC 2025) para a indústria avançada (ARBIX *et al.*, 2018).

Apesar dos consideráveis investimentos em pesquisa e desenvolvimento na China, o sistema de inovação enfrentava desafios notáveis, como a falta de avanços científicos destacados e a limitada comercialização de resultados de pesquisa pública. A dependência contínua de tecnologia estrangeira ressaltava a necessidade de reformas no sistema. Nesse contexto, o plano MiC 2025 surge como uma resposta estratégica aos desafios domésticos, visando combater a ineficiência das empresas industriais chinesas e mitigar os efeitos adversos da elevação dos salários e da apreciação da moeda, preservando assim a competitividade da economia frente às transformações globais (UNESCO, 2016).

O foco dessa iniciativa estava em tornar a China líder em áreas como inteligência artificial, veículos elétricos, equipamentos médicos e robótica. Isso refletiu uma ambição clara de não apenas competir na produção, mas também na inovação e pesquisa de ponta.

A iniciativa MiC 2025 incorpora um componente crucial conhecido como “*Internet Plus*”. Esse conceito consiste em um plano estratégico de cinco anos destinado a integrar tecnologias de ponta, como computação em nuvem, *big data* e a Internet das Coisas (IoT), em diversos setores da economia chinesa. O objetivo é modernizar e impulsionar a eficiência em áreas que vão desde a manufatura até o comércio, *internet banking*, agricultura e muitos outros.

A “*Internet Plus*” não apenas visa aprimorar a conectividade e a eficiência operacional, mas também impulsionar a inovação em setores-chave da economia. Isso inclui o desenvolvimento e a aplicação de tecnologias emergentes, como inteligência artificial, *blockchain* e redes 5G. Essa abordagem refletia a determinação da China em liderar a revolução tecnológica global, posicionando-se na vanguarda de avanços significativos.

O mercado de big data da China deve atingir 822,88 bilhões de yuans (US\$124 bilhões) em 2020, contra 76,7 bilhões de yuans em 2014. Isso beneficiará diretamente o fornecimento de energia aos data centers, o crescimento da internet na China, a inovação e muito mais, tudo de acordo com os objetivos do Internet Plus (China Telecom Americas).

A integração dessas tecnologias visa criar um ecossistema mais inteligente e conectado, melhorando a competitividade e impulsionando o crescimento econômico. Além disso, ao priorizar setores estratégicos, a China busca alcançar maior autonomia tecnológica e reduzir a dependência de tecnologias estrangeiras. O “*Internet Plus*” representa, assim, um pilar fundamental da visão de transformação tecnológica e industrial delineada pela iniciativa MiC 2025.

Dessa forma, é possível notar a importância dada por Xi Jinping a inovação como um motor essencial para o crescimento econômico por meio de ações concretas, especialmente no aumento significativo dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D). Essa ênfase é percebida na alocação substancial de recursos para fortalecer as capacidades científicas e tecnológicas da China, refletindo o compromisso do governo em impulsionar a inovação como um pilar fundamental do desenvolvimento econômico do país.

O presidente chinês, Xi Jinping, também anunciou medidas abrangentes para aprimorar a eficiência e competitividade da indústria chinesa, permitindo com que o mercado desempenhasse um papel decisivo na alocação de recursos. Isso inclui a implementação de reformas estruturais, como a redução do excesso de capacidade em setores tradicionais e uma transição estratégica em direção a uma economia mais centrada em serviços e inovação. Além disso, Xi enfatizou a intenção do governo de consolidar o setor público, ao mesmo tempo em que apoia e incentiva o desenvolvimento de entidades privadas.

No âmbito financeiro, o presidente anunciou a redução do excesso de capacidade industrial e o compromisso de diminuir o número de empresas que geram apenas lucros suficientes para cobrir seus pagamentos de juros. Essas medidas são parte integrante do esforço chinês para estabelecer um sistema equitativo, no qual todas as empresas tenham oportunidades iguais e operem em condições de igualdade perante a lei, contribuindo assim para a construção de uma economia mais eficiente e inovadora (Correio Braziliense, 2017).

O governo exigiu estabilidade no mercado imobiliário, uma revitalização da manufatura e um estímulo estratégico no topo da indústria. Ele também prometeu reduzir os encargos financeiros sobre as empresas, incluindo as taxas administrativas, de acordo com a rádio estatal (Dow Jones Newswires).

Durante seu governo, Xi Jinping abordou a importância contínua da Reforma e Abertura na China, destacando sua contribuição para o desenvolvimento do país. Ele enfatiza que, por meio desses princípios, a China enfrentou desafios e resolveu problemas significativos como a pobreza extrema, isolamento internacional e ineficiência do setor estatal. Além disso, Xi estabeleceu metas ambiciosas para o futuro, delineando um plano para dobrar o PIB e a renda per capita até 2020. Essa meta visava alcançar uma sociedade modestamente próspera. No longo prazo, até meados do século, o objetivo é transformar a China em um país socialista moderno, caracterizado por prosperidade, poder, democracia, civilização e harmonia social. A declaração do presidente chinês reflete uma visão abrangente para o desenvolvimento futuro da China, buscando realizar um "sonho de grande rejuvenescimento da nação chinesa" (Xi Jinping, 2017)¹¹.

¹¹ 19º Congresso Nacional do Partido Comunista da China

De acordo com dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), compilados e apresentados pela Fundação Alexandre Gusmão, entre os anos de 2013 e 2020 o PIB da China foi o que mais cresceu no mundo, passando de US\$ 9,46 trilhões para US\$ 16,15 trilhões, ou seja, um crescimento de 70,7%.¹² Naquele mesmo período, o PIB do Reino Unido cresceu 39,1%, o dos Estados Unidos cresceu 34,1%, o da Alemanha cresceu 9,9% e o do Japão irrisórios 0,2%.¹³ Nesse contexto, Xie Chuntao – membro da Academia Nacional de Governança da China declarou que “a China estabeleceu o maior sistema de seguridade social do mundo, contando com cerca de 400 milhões de pessoas na classe média. Os níveis educacionais da população e o acesso à saúde aumentaram significativamente. E o país alcançou sua mais importante conquista, a erradicação da pobreza extrema”. (BRASIL DE FATO, 05 de julho de 2021)

Assim, é possível afirmar que a ascensão de Xi Jinping não apenas marcou uma mudança na liderança, mas também inaugurou uma abordagem ambiciosa em políticas industriais e desenvolvimento tecnológico a fim de catapultar a economia. Essas iniciativas tinham como objetivo fortalecer a capacidade produtiva da China e posicionar o país como líder global em inovação, promovendo uma transformação fundamental para garantir a sustentabilidade e competitividade de sua economia no cenário internacional.

¹² Cf: <https://www.funag.gov.br/ipri/images/analise-pesquisa/tabelas/top15pib.pdf>

¹³ Ibidem

4. A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA NOS GOVERNOS DE HU JINTAO E XI JINPING (2003-2022)

A trajetória de sucesso econômico da China no século XXI está intrinsecamente entrelaçada com as decisões visionárias de Deng Xiaoping e sua abordagem única para a política externa. Ao assumir o leme do país na virada do século, Deng não apenas iniciou reformas econômicas domésticas transformadoras, mas também forjou um novo caminho nas relações internacionais chinesas. O líder chinês buscou ativamente relações econômicas benéficas, promovendo parcerias comerciais e atraindo investimentos estrangeiros. Essa abordagem, impulsionada por uma política externa aberta e favorável aos negócios privados, foi um catalisador para o rápido crescimento econômico chinês nas primeiras décadas do século XXI.

Durante o governo de Jiang Zemin na China, houve um notável crescimento econômico impulsionado por uma intensa acumulação de capital, investimentos robustos e atração de investimento estrangeiro estimulada pela desvalorização da moeda. De forma marcante, esse boom econômico resultou no surgimento e destaque de marcas chinesas, especialmente nos setores de bens de consumo em massa. Na esfera da política externa, Jiang Zemin adotou uma abordagem pragmática para promover a estabilidade, fortalecendo relações bilaterais-chave e consolidando a China como uma influência global. A desvalorização da moeda contribuiu para a competitividade nas exportações, atraindo investimento estrangeiro e impulsionando a China para uma fase de rápida industrialização e modernização. A ênfase na estabilidade, tanto em políticas econômicas quanto em relações internacionais, contribuiu para o crescimento econômico sustentado e a proeminência global da China nos anos seguintes.

Os governos de Hu Jintao e Xi Jinping desempenharam um papel fundamental no cenário internacional, contribuindo de maneira ativa e decisiva para os assuntos globais. Neste capítulo será explorado de maneira abrangente a política externa da China durante esses anos cruciais, destacando as estratégias, desafios e marcos significativos que moldaram as relações internacionais do país. Desde a busca por parcerias econômicas até a afirmação de sua presença geopolítica, será examinado como as lideranças de Hu Jintao e Xi Jinping delinearam e executaram suas abordagens em um ambiente global dinâmico.

4.1 A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA NO GOVERNO DE HU JINTAO

Durante o governo de Hu Jintao, a política externa da China foi caracterizada por uma abordagem cuidadosa e pragmática. Diversos elementos e estratégias foram fundamentais para consolidar e expandir a influência chinesa no cenário internacional. Sendo uma das principais características, a busca por uma diplomacia de boa vizinhança, onde a China cultivou relações amistosas com seus vizinhos. O país buscou se aproximar de organizações regionais, visando fortalecer laços diplomáticos e promover a estabilidade regional. Além disso, Hu adota o conceito de "mundo harmonioso" ao seu governo, destacando a importância da estabilidade interna para o sucesso da diplomacia externa.

[...] expressa uma ideia de construir um mundo harmonioso de paz duradoura e prosperidade comum, e posição ética e política estatal da China na ordem mundial. A ideia de um mundo harmonioso é a combinação do marxismo com as condições nacionais da China. Ele incorpora uma riqueza de recursos éticas, ideológicas, institucionais e culturais que podem contribuir para a construção da ordem mundial (SU, 2013, p 70-71).

Vale ressaltar que, na virada do milênio, Jiang Zemin conquistou reconhecimento internacional pelos notáveis avanços da China. Em novembro de 1999, mediante a assinatura de um histórico acordo¹⁴ com os Estados Unidos, a China deu um passo fundamental ao remover barreiras à entrada de produtos e serviços estrangeiros em seu mercado. Esse marco não só ampliou consideravelmente o acesso ao mercado chinês, mas também marcou o início de um caminho estratégico em direção à adesão à Organização Mundial do Comércio (OMC). Ao abrir suas portas de forma significativa, a China não apenas fortaleceu os laços comerciais com os Estados Unidos, mas também pavimentou seu percurso para se integrar às normas e regulamentos comerciais internacionais. Essa estratégia não apenas consolidou as relações comerciais sino-americanas, mas também impulsionou a participação ativa da China na economia global, culminando em sua admissão formal na OMC em 2001. Essa decisão crucial solidificou a posição da China como uma peça-chave nas negociações comerciais globais,

¹⁴ "O acordo em questão obriga a China a cortar tarifas em 23% em média e promete maior acesso ao relativamente fechado mercado chinês para tudo, de serviços financeiros a telecomunicações e filmes de Hollywood", escreveu o site da rede americana CNN no dia seguinte à assinatura.

contribuindo de forma significativa para seu rápido crescimento e influência no cenário internacional (BBC News Brasil, 2021).

Com o câmbio relativamente valorizado em relação aos países da ASEAN, mas desvalorizado em relação ao dólar (e euro), e com um crescimento econômico a dois dígitos, a China transformou-se na maior base de exportação para os EUA. Isto ocasionou uma extraordinária expansão do seu saldo comercial bilateral e global. Ainda que esta tenha suscitado grandes pressões do governo americano para a valorização do yuan, a elevada participação das empresas transnacionais americanas (ET) neste saldo e o ingresso da China na OMC ampliaram a sua força econômica gravitacional sobre os interesses privados americanos e reduziram o poder de retaliação comercial unilateral (MEDEIROS, 2008).

As relações sino-americanas foram um foco central na política de Jiang Zemin que buscou melhorar os laços com os Estados Unidos, adotando uma diplomacia pragmática para equilibrar interesses econômicos e estratégicos, estabelecendo uma base para futuras interações bilaterais. A adesão da China à OMC em 2001 foi um passo crucial, abrindo novas oportunidades comerciais e refletindo o compromisso chinês com normas internacionais, evidenciando uma postura de maior transparência e cooperação econômica: “A situação econômica global [2001] é seguramente uma das melhores de toda a história, devido aos primeiros efeitos da entrada da China na Organização Mundial do Comércio” (SHOULONG, 2007).

As políticas adotadas pelo governo anterior, sob a liderança de Jiang Zemin, desempenharam um papel crucial ao abrir caminho para a atuação internacional mais proeminente de Hu Jintao em organizações-chave, como as Nações Unidas e a Organização Mundial do Comércio (OMC). Essa participação ativa não apenas influenciou na definição de normas globais, demonstrando o comprometimento da China com questões internacionais, mas também estabeleceu uma base sólida para as ações subsequentes.

Ao assumir o papel de líder na quarta geração política chinesa, Hu Jintao encontrou uma China que já figurava entre as principais potências econômicas globais. Além das questões econômicas internas, o cenário geopolítico ao redor da China apresentava ameaças concretas, incluindo a presença de fenômenos de terrorismo internacional e movimentos separatistas. Esses desafios acrescentavam uma camada adicional de complexidade à liderança de Hu, exigindo uma abordagem estratégica abrangente para garantir a estabilidade tanto no âmbito doméstico quanto no regional. O contexto que Hu Jintao herdou envolvia a necessidade de

equilibrar a ascensão econômica global da China com a redução das disparidades internas e a gestão eficaz de desafios geopolíticos. Sua liderança foi moldada pela busca por soluções que não apenas mantivessem a China como uma potência mundial, mas também abordassem questões cruciais dentro e fora de suas fronteiras (CARLETTI, 2012).

Dessa forma, Hu também procurou envolver a China em questões globais, ao orientar a política externa chinesa, enfatizou princípios fundamentais que moldaram a posição internacional do país. Defendeu consistentemente a democratização nas relações internacionais e a diversificação dos modelos de desenvolvimento. Seu posicionamento visava promover o multilateralismo e contribuir para o processo de globalização econômica mundial, almejando a construção de uma nova ordem econômica e política internacional justa e equitativa. O presidente expressou claramente a oposição da China a ameaças e uso de força, rejeitando políticas hegemônicas. A condenação a todo tipo de política de força e a postura contrária ao terrorismo destacam o comprometimento do país com a paz e a estabilidade globais. Além disso, sublinhou a importância da diplomacia de boa vizinhança, enfatizando parcerias sólidas com todos os países vizinhos como um princípio inabalável (HU, 2005).

Outro aspecto notável da política externa de Hu Jintao foi a ênfase na expansão da presença chinesa em regiões em desenvolvimento, promovendo a cooperação e o desenvolvimento conjunto para estabelecer alianças estratégicas em diversas partes do mundo. A construção de parcerias estratégicas foi uma marca desse período, com a China construindo alianças sólidas com países-chave como Rússia, Brasil e Índia, fortalecendo assim sua projeção e influência em diferentes regiões globais.

Em 2006, a China participou das negociações internacionais com o Brasil, a Rússia e a Índia para a criação de um grupo de parceiros econômicos que pudessem cooperar e se fortalecer reciprocamente. Essas negociações deram origem ao BRIC – acrônimo formado pelas iniciais daquelas quatro nações e forjado pelo economista-chefe da Goldman Sachs, Jim O'Neil, em estudo publicado em 2001, intitulado "*Building Better Global Economic BRICs*". O agrupamento se reuniu formalmente pela primeira vez às margens da Assembleia Geral da ONU de 2006, em Nova Iorque. Sua primeira cúpula formal aconteceu em 2009. Posteriormente, em 2011, a África do Sul também aderiu ao grupo.

O diálogo entre os países se dá em três pilares principais: cooperação em política e segurança, cooperação financeira e econômica, e cooperação cultural e pessoal. Cerca de 150 reuniões são realizadas anualmente em torno desses pilares. O principal objetivo do bloco, por meio da cooperação, é alterar o sistema de governança global, com uma reforma de mecanismos como o Conselho de Segurança da ONU, além de introduzir alternativas às instituições como o FMI e o BID para o fomento às economias emergentes, como é o caso do NDB (PLANALTO).

A China buscava fortalecer sua posição global através da colaboração com os parceiros do BRICS. A participação no grupo, composto por nações de pensamento semelhante, visa aumentar a influência das potências emergentes em questões internacionais, incluindo reformas em organizações globais e discussões sobre mudanças climáticas. Além disso, a cooperação econômica no BRICS, onde a China é o principal parceiro comercial, é vista como fundamental para enfrentar desafios econômicos globais. A China procura aprofundar essas relações para expandir o comércio e impulsionar a internacionalização do *Renminbi*¹⁵. Por fim, a crescente presença global da China requer que os parceiros do BRICS contribuam para a estabilidade em suas regiões, destacando a importância da coordenação entre as potências emergentes para proteger os interesses chineses globalmente (NIU, 2013).

Durante o mandato de Hu Jintao, a cooperação econômica e comercial ocupou posição de destaque na agenda. A China, de forma estratégica, buscou ativamente acordos tanto bilaterais quanto multilaterais. Essa abordagem não apenas consolidou a China como uma potência econômica de escala global, mas também impulsionou a interdependência econômica entre nações. A busca por acordos comerciais não se limitou a interesses unilaterais, refletindo um compromisso mais amplo com a construção de laços econômicos mais sólidos e colaborativos em todo o mundo.

¹⁵ O termo “Renminbi” é utilizado para se referir à moeda chinesa, enquanto “Yuan” também se refere à moeda, mas em um contexto mais específico relacionado a preços ou custos na China. Wagner Moraes, especialista em macroeconomia, esclarece que ao discutir trocas comerciais, transações, preços e valores, é mais apropriado usar “Yuan”, pois frequentemente estamos nos referindo a uma quantia específica de dinheiro. Por outro lado, quando o foco é a política monetária chinesa ou o sistema monetário como um todo, as denominações “Renminbi” ou “RMB” são mais pertinentes, conforme apontado pelo economista.

4.2 A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA NO GOVERNO DE XI JINPING

A política externa da China sob o governo de Xi Jinping reflete uma série de mudanças e estratégias que moldaram significativamente as relações internacionais do país, destacando-se diversas características-chave que definiram a abordagem chinesa no cenário global durante esse período.

No plano internacional, o governo Xi Jinping vem adotando em estratégia de se inserir e ocupar mais espaço nas instituições já existentes, assim como criando novas instituições internacionais de fomento e cooperação multilateral. Este é um movimento que remete à virada do séc. XX para o XXI, conhecida como Going Global (CINTRA, 2013). Com Xi Jinping, no entanto, percebe-se que a postura desse movimento mudou. A diplomacia chinesa tem adotado uma postura mais firme; já num contexto de uma política externa uma postura mais assertiva e global [...] (JUNQUEIRA, 2021).

Como já apontado anteriormente, uma das iniciativas mais emblemáticas foi a introdução do *Belt and Road Initiative*¹⁶ (BRI) em 2013. Essa proposta ambiciosa visava não apenas fortalecer os laços econômicos da China com outras nações, mas também projetar sua influência em escala global. Através de projetos de infraestrutura, a China buscou conectar-se a diversas regiões, solidificando sua posição como ator chave na arena internacional.

Analisando pelo escopo internacional, a iniciativa busca estabelecer conexões econômicas e infraestruturais abrangentes, ligando a China a várias regiões do mundo. O BRI é composto por duas partes principais: o Cinturão, que se refere a uma rede terrestre conectando a China à Europa por meio da Ásia Central, e a Rota, que abrange rotas marítimas conectando a China ao Sudeste Asiático, África e Europa.

¹⁶ Em português, Cinturão e Rota.

Figura 4 – Mapa da Iniciativa Cinturão e Rota destacando as rotas terrestres em vermelho e as rotas marinhas em azul.



Fonte: Silk Road Briefing (<https://www.silkroadbriefing.com/the-belt-and-road-initiative.html>)

No âmbito terrestre, o *Belt and Road Initiative* visa promover o comércio, investimentos e cooperação em infraestrutura. Através de projetos de ferrovias, rodovias e gasodutos, a China busca criar uma rede de transporte eficiente que facilite a movimentação de bens e pessoas entre os países envolvidos. Na esfera marítima, portos e rotas marítimas estratégicas são desenvolvidos para impulsionar o comércio internacional.

O BRI não apenas visa a prosperidade econômica, mas também tem implicações geopolíticas. Ao estabelecer alianças e influência em várias partes do mundo, a China busca consolidar sua posição como uma potência global. No entanto, o BRI também enfrentou críticas e preocupações, incluindo questões sobre sustentabilidade financeira, padrões ambientais e transparência em projetos.

At present the BRI appears to be successful. It has faced a lot of Western criticism however appears to have been able to finance and build infrastructure in poorer nations that would otherwise not had the opportunity. This includes countries that are rebuilding after wars such as Libya and Syria, countries whose infrastructure was decaying such as Pakistan and

countries in Africa that have not previously been able to afford such development or did not have the skilled labor to build it (Silk Road Briefing)¹⁷.

A Iniciativa *Belt and Road* é percebida como uma parte integral da estratégia chinesa de internacionalização do yuan (moeda chinesa). Ao promover projetos de infraestrutura em várias partes do mundo, a China cria oportunidades para o uso do yuan em transações internacionais relacionadas a esses projetos. Isso impulsiona a aceitação e o reconhecimento global do yuan como uma moeda de reserva e facilita o comércio internacional em yuan. A estratégia de adoção mundial da moeda chinesa está alinhada com o desejo da China de reduzir sua dependência do dólar americano nas transações internacionais, aumentando assim sua autonomia financeira e fortalecendo o papel do yuan no cenário financeiro global (CARVALHO; PINTO, 2021).

Além da BRI, o país esteve envolvido em extensas negociações comerciais, tanto bilaterais quanto multilaterais. A assinatura de acordos importantes, como o RCEP na Ásia-Pacífico e o Acordo de Investimento China-UE, reflete os esforços da China para ampliar seu acesso a mercados internacionais e fortalecer laços econômicos significativos. A participação ativa em organizações comerciais internacionais, como a OMC, foi uma característica constante da política externa chinesa nesse período. A China buscou influenciar as regras do comércio global, alinhando-as aos seus interesses estratégicos.

O caráter proativo da diplomacia chinesa, liderada pelo presidente Xi Jinping, assume a forma de “porretes e incentivos” (sticks and carrots)¹⁸ para “salvaguardar a paz e a estabilidade”, sobretudo, no seu entorno. Pequim calcula que pode executar uma política externa regional, simultaneamente, coercitiva e amigável, dado o poder gravitacional exercido por sua economia (MILLER, 2014).

Contudo, em meio à ascensão de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos em novembro de 2016, as tensões comerciais com a China foram

¹⁷ “Atualmente, a BRI parece ser bem sucedida. Tem enfrentado muitas críticas ocidentais, mas parece ter sido capaz de financiar e construir infraestruturas em nações mais pobres que de outra forma não teriam oportunidade. Isto inclui países que estão a reconstruir-se após guerras, como a Líbia e a Síria, países cujas infraestruturas estavam em decadência, como o Paquistão, e países na África que anteriormente não tinham capacidade para suportar esse desenvolvimento ou não tinham mão-de-obra qualificada para o construir”. (Tradução livre)

¹⁸ A expressão “sticks and carrots” (porretes e incentivos) refere-se a uma estratégia de persuasão ou influência que combina a aplicação de medidas punitivas, representadas pelos “porretes” (sticks), com incentivos positivos, representados pelos “cenouras” (carrots).

intensificadas. O presidente eleito, durante sua campanha, enfatizou o que chamou de “maior roubo da história” perpetrado pela China e expressou preocupações sobre o impacto dos produtos chineses na economia americana. Essas questões tornaram-se centrais em seu mandato, contribuindo para um período de relações bilaterais mais desafiador entre as duas potências.

Um dos mais importantes temas de sua campanha foram exatamente as cinco letras que definiam o século: China. Seis meses antes de sua eleição, ele disse em discurso a seus seguidores [...] que os EUA não podiam "permitir que a China continue estuprando nosso país". O ressentimento de trabalhadores americanos em relação aos chineses e seus produtos baratos ajudou Trump a derrotar a democrata Hillary Clinton na disputa presidencial (BBC News Brasil, 2021).

No início de seu mandato, Trump, insatisfeito com o desequilíbrio comercial com a China, implementou tarifas sobre bilhões de dólares em importações chinesas, desencadeando uma guerra comercial. As tensões escalaram, com ambos os países impondo tarifas significativas em retaliação. O governo chinês empreendeu esforços para resolver as disputas comerciais, destacando a importância de manter relações bilaterais estáveis. Em janeiro de 2020, eles assinaram um acordo comercial que visava aliviar as disputas, com a China se comprometendo a aumentar as compras de produtos americanos (BOJIKIAN; MARCUSSI, 2021).

Apesar de sua retórica anti-China, Trump, em várias ocasiões, elogiou Xi Jinping, destacando sua liderança e até expressando admiração pelo status vitalício de presidente. No entanto, Trump também liderou esforços para conter a ascensão da *Huawei*, empresa chinesa de tecnologia, alegando riscos de segurança. Em 2020, o Reino Unido cedeu à pressão americana, proibindo a compra de novos equipamentos da *Huawei* e ordenando a remoção de sua tecnologia até 2027. Essas ações refletiram a complexidade das relações sino-americanas durante o governo de Trump e, de certa forma, testemunham o sucesso dos programas econômicos da China. (BBC News Brasil, 2021).

A questão de Taiwan emerge como outro ponto crítico nas relações entre China e Estados Unidos, contribuindo para o aumento das tensões entre as duas potências. Essa divergência contribui para o aumento das tensões bilaterais, e as implicações econômicas dessa disputa poderiam ultrapassar as mais otimistas

previsões com repercussões profundas nas cadeias de abastecimento globais e nos investimentos.

Para concretizar a ambição da China, Xi enfatizou que a China não renunciará ao uso da força e reservará a opção de adotar todas as medidas necessárias. [...] A China está disposta a promover a reunificação através de meios variados, incluindo institucionalizar o comércio através do Estreito de Taiwan e cooperação econômica, criar um mercado comum e conceder tratamento favorecido aos 'compatriotas' em Taiwan. (CHANG, YANG, 2020, p.1, tradução FONa).

Diferentemente de seu antecessor, Xi Jinping vem adotando uma abordagem mais articulada, promovendo relações mais profundas, tanto econômicas quanto sociais e políticas, através do Estreito¹⁹ de Taiwan. A estabilidade política nessa região é crucial para o clima de investimentos na China; incertezas ou escaladas de tensões podem desencorajar investimentos estrangeiros, afetando setores-chave da economia chinesa. Além disso, a segurança das rotas comerciais está intrinsecamente ligada à estabilidade política no Estreito, sendo vital para a segurança das rotas marítimas. Tensões nessa questão suscitam preocupações sobre o transporte marítimo e logística.

O líder chinês apresenta a reunificação como um processo natural, destacando a ideia de "Um país, dois sistemas" para gerir as diferenças políticas e econômicas entre China e Taiwan. Ele também isola Taiwan das relações China-EUA para enfraquecer a resistência à reunificação. A estratégia de Xi inclui a continuidade da política de Hu Jintao para evitar a independência de Taiwan, enfocando no desenvolvimento das relações políticas com uma base econômica forte (FONA, 2022).

Além disso, a reputação internacional da China como parceiro comercial é moldada por sua abordagem em relação a Taiwan. Uma postura percebida como agressiva ou coercitiva poderia prejudicar o acesso da China a mercados internacionais e impactar sua imagem como um parceiro econômico confiável.

Xi Jinping liderou esforços para fortalecer o papel global da China, adotando uma postura mais assertiva em questões internacionais e buscando liderança em

¹⁹ O Estreito de Taiwan é uma via navegável que separa a ilha de Taiwan da China continental. Ele tem sido historicamente uma área geopolítica sensível, sujeita a disputas e tensões, especialmente no contexto das relações entre a República Popular da China (RPC) e Taiwan.

organizações internacionais. Isso refletiu uma clara intenção de moldar a agenda geopolítica global de acordo com os interesses chineses.

O objetivo estratégico de longo prazo está claro: restaurar a posição histórica da China na Ásia. Como afirmou o presidente Xi Jinping: *“Isto é para o povo da Ásia ... para defender a segurança da Ásia”* (The Economist, November 15th, 2014b). A China emite, portanto, sinais de irradiar sua grandeza para além dos seus próprios limites territoriais, redefinindo suas relações com o restante do mundo e, por conseguinte – dado seu poder econômico, financeiro, político, diplomático, militar –, desencadeando um processo de reconfiguração da ordem mundial (CINTRA; PINTO, 2017).

A política externa da China sob Xi Jinping possui uma natureza multifacetada, abrangendo dimensões econômicas e diplomáticas, e desencadeia implicações profundas nas dinâmicas geopolíticas globais. Essa evolução marca uma fase significativa na ascensão da China como ator global proeminente, pois os governos chineses possuem a clarividência e o entendimento de que há um nexo de complementariedade indissociável entre a construção de seu poderio econômico e suas relações exteriores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término das duas primeiras décadas do século XXI, a trajetória da China rumo à superação do subdesenvolvimento, iniciada após a Revolução de 1949, se revelou não apenas extraordinariamente bem-sucedida, mas acima das melhores expectativas, tendo consolidado sua posição como uma superpotência mundial. O dinamismo da economia chinesa tem se sustentado nesse início da terceira década do século XXI impressionando os observadores e analistas de relações internacionais de todo o mundo.

A grande transformação econômica desencadeada após a Revolução de 1949, inicialmente guiada por Mao Tsé-tung, ganhou novo vigor sob a liderança pragmática de Deng Xiaoping. Este último, com suas reformas ousadas, lançou as bases para a China emergir como uma potência econômica global. A nova sociedade que floresceu nesse período, apesar dos desafios, foi marcada por um perfil que incorpora elementos de abertura ao mercado global, impulsionando um crescimento econômico sem precedentes. É possível perceber que a flexibilização da economia chinesa foi implementada de maneira gradual e cautelosa, com o objetivo de preservar o controle estatal robusto.

O papel determinante do Estado na construção dos pilares socioeconômicos do desenvolvimento chinês durante essas fases iniciais de desenvolvimento não só forneceu uma base sólida, mas também estabeleceu um modelo que seria posteriormente adaptado e ampliado pelos governos subsequentes. As políticas industriais e de desenvolvimento tecnológico, especialmente sob as gestões de Hu Jintao e Xi Jinping, posicionaram a China como uma potência inovadora e líder em setores estratégicos.

The economic growth rate in China has been over 8 percent per year since 1979—one of the fastest in the world, and one that is expected to continue in the future.¹ Because China is also home to 25 percent of the world's population, many western firms view the country as a prime target market (Bruton, 1999, p.83)²⁰.

²⁰ “A taxa de crescimento econômico na China tem sido superior a 8% ao ano desde 1979 – uma das mais rápidas do mundo e que deverá continuar no futuro. Como a China também abriga 25 por cento da população mundial, muitas empresas ocidentais vêm o país como um mercado-alvo principal”. (Tradução livre)

A notável expansão econômica da China ao longo das últimas décadas é evidenciada pela sua taxa anual de crescimento do PIB, que, mesmo desacelerando para cerca de 6% em 2019, permaneceu substancialmente robusto: “Dos anos de 1980 a 2019, a média de crescimento do PIB chinês foi de, aproximadamente, 9% ao ano.” (CARNEIRO, 2020, p.51) Em 2019, quando o crescimento da economia chinesa se reduziu para o patamar de 6,1%, o crescimento das economias da OCDE não passou de 1,7% em média, porém durante os anos da COVID-19 (2020 e 2021) enquanto a economia chinesa cresceu 1,2% e 9,2% respectivamente, as economias da OCDE registraram crescimento de -6,1%, em 2020, e 4,5%, em 2021. (JABBOUR; RODRIGUES, 2021, p.21) Um reflexo desse padrão de crescimento econômico na China foi o avanço do PIB per capita, que saltou de US\$4,6 mil em 2010, para US \$10,3 mil em 2019.²¹

Tendo consolidado a reputação de "fábrica do mundo" – título que pertenceu ao Reino Unido na primeira metade do século XIX –, o país lidera globalmente em capacidade de fabricação e produção. O primeiro lugar em valor agregado na manufatura por 11 anos consecutivos, representando quase 30% do total mundial, evidencia a impressionante ascensão da China no cenário econômico global. Com uma participação destacada na produção de mais de 40% dos principais produtos industriais e uma ênfase crescente na manufatura de alta tecnologia, a China não apenas consolidou sua posição de proeminência no mercado global, mas também ampliou sua participação relativa no comércio internacional.

Estas métricas econômicas impressionantes não são apenas indicadores de sucesso, mas representam um testemunho tangível da capacidade da China de se reinventar e se afirmar como uma força global. A transformação econômica e o aumento do padrão de vida perpassam os governos de Mao Tse-tung, Deng Xiaoping, Hu Jintao e Xi Jinping, delineando uma narrativa de resiliência, adaptação e superação.

Neste contexto, a expansão chinesa no século XXI é mais do que um fenômeno econômico; é uma narrativa multifacetada que incorpora transformações sociais, avanços tecnológicos, políticas industriais inovadoras e uma presença global marcante. No entanto, por trás desses triunfos, surgem desafios cruciais, como o

²¹ A título de comparação, entre os anos de 2012 e 2019, os Estados Unidos registraram um crescimento econômico médio anual de 2,4%, enquanto o Reino Unido cresceu 1,9%, a Área do Euro cresceu 1,3% e a China cresceu 7,1%. (BASTOS, PALMA e LEITE, 2023, p.3)

envelhecimento populacional e a necessidade de equilibrar o crescimento com preocupações ambientais e sociais.

A China, ao alcançar novos patamares e moldar seu destino no século XXI, emerge não apenas como uma superpotência econômica, mas como um ator global cujas decisões reverberam além de suas fronteiras. Esta conclusão, assim como o trabalho como um todo, não encerra a narrativa da China, mas serve como um singelo capítulo de sua história em constante evolução no cenário internacional. O estudo da expansão chinesa é um convite para compreender não apenas a ascensão econômica, mas também os matizes culturais, políticos e sociais que compõem a complexidade desta nação que continua a desafiar e moldar as dinâmicas globais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. **A Revolução Chinesa**. Disponível em: <A revolução chinesa e a revolução cultural.pdf (usp.br)> Acesso em 17/04/2023.

Arbix, G., Miranda, Z., Toledo, D., & Zancul, E.. (2018). **Made in China 2025 e Industrie 4.0: a difícil transição chinesa do catching up à economia puxada pela inovação**. Tempo Social, 30(3), 143–170. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.144303>>. Acesso em 22/11/2023.

BASTOS, Estêvão K. X.; PALMA, Andreza; LEITE, Caio R. G. **Panorama da economia mundial**. IPEA/Carta de Conjuntura, nr. 61, 4º trimestre de 2023. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2023/11/231121_cc_61_nota_15_economia_mundial.pdf. Acesso em: 24/11/2023

BBC News. **Successes and failures: Hu Jintao's legacy**. 20 Jul. 2012. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-18897490>. Acesso em: 14/11/2023

BBC News. **What did Hu Jintao and Wen Jiabao do for China?**. 14 Mar. 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-21669780>. Acesso em: 14/11/2023

BBC News Brasil. **Como duas décadas de expansão criaram o 'século da China'**. 13 dez. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55989290#:~:text=Do%20com%C3%A9rcio%20internacional%20ao%20aquecimento,US%24%201%2C2%20trilh%C3%A3o>. Acesso em 19/11/2023.

BOJIKIAN, Neusa M.; MARCUSSI, Rúbia. **Estados Unidos e China na disputa comercial e na competição tecnológica: de Trump a Biden**, p. 125-152 in Sebastião C. VELASCO E CRUZ e Neusa M. BOJIKIAN: De Trump a Biden Partidos, políticas, eleições e perspectivas, São Paulo UNESP, 2021. Disponível em: https://professor.ufrgs.br/marcocepik/files/cepik__brancher_2021_eua_china_trump_biden.pdf. Acesso em: 24/11/2023.

CARLLETI, Anna. **A Política de boa vizinhança chinesa no contexto da integração regional asiática**. Boletim Meridiano 47 vol. 13, n. 132, jul.-ago. 2012 [p. 11 a 18]

CARNEIRO, Livia Mendes. **O papel do Estado para o desenvolvimento econômico chinês: protecionismo e investimento estrangeiro direto**. TCC em Economia, Universidade Federal do Ceará, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/72913/1/2020_tcc_lmcarneiro.pdf Acesso em 02/11/2023

CARVALHO, Miguel H. **Evolução política e econômica da China no período maoísta (1949-1978)**

Chatham House. **What is China's Belt and Road Initiative (BRI)?**. 13 set. 2021. Disponível em: <https://www.chathamhouse.org/2021/09/what-chinas-belt-and-road-initiative-bri>. Acesso em: 22/11/2023

CHEN, Dapeng. **Os segredos que levaram a China a se tornar a “Fábrica Mundial”**. 19 jan. 2022. Disponível em: <https://iree.org.br/os-segredos-que-levaram-a-china-a-se-tornar-a-fabrica-mundial/>. Acesso em: 22/11/2023

CINTRA, M. A. M., & PINTO, E. C.. (2017). **China em transformação: transição e estratégias de desenvolvimento**. Brazilian Journal of Political Economy, 37(2), 381–400. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-31572017v37n02a07>> Acesso em 21/07/2023.

CINTRA, Marcos Antonio Macedo; PINTO, Eduardo Costa; FILHO, Edison Benedito da Silva. **China em transformação : dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento** – Rio de Janeiro : Ipea, 2015. 594 p. : il.

COGGIOLA, Osvaldo. **A revolução chinesa**. São Paulo: Moderna, 1985.

Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional - III CNPEPI : (2 : Rio de Janeiro : 2008) : **O Brasil no mundo que vem aí**. Seminário : China - Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

Correio Braziliense. **China promete esforços para reformas estruturais no lado da oferta**. 28/02/2017. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/economia/2017/02/28/internas_economia.577147/china-promete-esforcos-para-reformas-estruturais-no-lado-da-oferta.shtml. Acesso em 22/11/2023.

Consulado Geral da República Popular da China no Rio de Janeiro

Dikötter, Frank. **The Cultural Revolution: A People's History, 1962—1976**. Reino Unido, Bloomsbury Publishing, 2016.

JABBOUR, Elias Khalil. **China: Desenvolvimento e Socialismo de Mercado**. Florianópolis: LABEUR, GCN, CFH, UFSC, 2020. Disponível em: <https://cadernosgeograficos.paginas.ufsc.br/files/2016/02/elias_livro_PRONTO-1.pdf> Acesso em 18/05/2023.

JABBOUR, Elias; RODRIGUES, Bernardo S. **A “nova economia do projeto” no combate à COVID-19 e as capacidades estatais chinesas como força política estratégica**. Revista de Economia Contemporânea (2021) 25(2): p. 1-29. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/FGZVtRRzdK9LH8Gt5D4Ztdr/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 03/11/2023

HARO SLY, MARIA JOSE. **A China na Economia Mundo Contemporânea**. 2014. 74 pgs. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência Política e Sociologia: Estado, Sociedade y Política na América Latina). Foz do Iguaçu, 2014.

HIRATUKA, Celio. **Mudanças na estratégia chinesa de desenvolvimento no período pós-crise global e impactos sobre a AL.** Texto para Discussão. Unicamp. IE, Campinas, n. 339, maio 2018.

JUNQUEIRA, Philipe Alexandre. **A Política Externa Chinesa de Xi Jinping: a contribuição da Iniciativa do Cinturão e Rota para a inserção internacional da China.** 2021. 135 f. Dissertação (Mestrado em Política Internacional) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LE, Lin. **Chinese Politics since Hu Jintao and the Origin of Xi Jinping's Strongman Rule: A New Hypothesis.** Cornell University; Vol 6, Iss 4 Fall 2023 | 37-78.

LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira. **A Economia Política da transição chinesa no último quartel do século XX.** Tempo do Mundo, 4 (3): 153-177 [2012]. Disponível em: <131219_rtmv4_n3.pdf (ipea.gov.br)> Acesso em 21/07/2023.

Lopes Ribeiro, V. (2017). **A expansão chinesa recente e novas determinações do imperialismo no século XXI.** Estudos Internacionais: Revista De relações Internacionais Da PUC Minas, 5(1), 121-140. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2017v5n1p121>. Acesso em 22/11/2023.

LYRIO, Mauricio Carvalho. **A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos.** – Brasília : FUNAG, 2010.

MASIERO, G; COELHO, D. B. **A política industrial chinesa como determinante de sua estratégia going global.** Brazil J Polit Econ [Internet]. 2014Jan;34(1):139–57. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0101-31572014000100009>. Acesso em: 10/11/2023

MEDEIROS, Carlos A. **China entre os séculos XX e XXI.** Estados e moedas no desenvolvimento das nações. Petrópolis: Vozes, p. 379-411, 1999.

MEDEIROS, Carlos A. de. **Economia e política do desenvolvimento recente na China.** Brazilian Journal of Political Economy, 19 (3), 496–516, 1999.

MEDEIROS, Carlos. **Desenvolvimento econômico e ascensão nacional: rupturas e transições na Rússia e na China. O mito do colapso do poder americano.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

MENDONÇA, Bruno M. **A Transição de Deng Xiaoping e a China Contemporânea: continuidade e aprofundamento das reformas na era globalizada.** Brasília, 71p, 2009.

Milaré, L. F. L., & Diegues, A. C. **Contribuições da era Mao Tsé-Tung para a industrialização chinesa.** Revista De Economia Contemporânea, 16(2), 359–378, 2012. <<https://doi.org/10.1590/S1415-98482012000200009>> Acesso em 21/07/2023.

Milaré, L. F. L., & Diegues, A. C. **A industrialização chinesa por meio da tríade autonomia–planejamento–controle**. Leituras de Economia Política, Campinas, (22), p. 65-98, dez. 2014/jul. 2015.

Naughton, B. J. **The Chinese economy: Transitions and growth**. MIT press. Disponível em: The Chinese Economy: Transitions and Growth (wordpress.com), 2006.

NABUCO, P. **Do grande salto à “desmaoização”: 20 anos de história chinesa**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 14, 2009, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: Sociedade Brasileira de Economia Política, 2009. Disponível em: <http://sep.org.br/artigo/1795_b201373ec82b28980a042b0984e40262.pdf>. Acesso em: 06/11/2023.

Niu, H.. (2013). **A grande estratégia Chinesa e os BRICS**. Contexto Internacional, 35(1), 197–229. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-85292013000100007>. Acesso em 20/11/2023.

PINTO, I. C. C.; CARVALHO, C. E. F. de. **Financiamento da Belt and Road Initiative, Internacionalização do renminbi e o Sistema Financeiro da China**. Seminário Pesquisar China Contemporânea, Campinas, SP, n. 5, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/chinabrasil/article/view/4571>. Acesso em: 22 nov. 2023.

PAGOTTO, C. **Apontamentos acerca das principais formas de cooperação na China entre 1950 e 1966**. Revista Novos Rumos, n. 46, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.36311/0102-5864.21.v0n46.2099>> Acesso em 26/08/2023.

Silk Road Briefing. **THE BELT AND ROAD INITIATIVE**. Disponível em: <https://www.silkroadbriefing.com/the-belt-and-road-initiative.html>. Acesso em: 20/11/2023

Souza, R. (2018). **Estado e capital na China**. Brasil: Editora da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<estado-e-capital-na-china-repositorio.pdf> (ufba.br)> Acesso em 03/07/2023.

The Economist. **How China’s Belt and Road Initiative is changing**. 17 out. 2023. Disponível em: https://www.economist.com/the-economist-explains/2023/10/17/how-chinas-belt-and-road-initiative-is-changing?utm_medium=cpc.adword.pd&utm_source=google&ppccampaignID=19495686130&ppcadID=&utm_campaign=a.22brand_pmax&utm_content=conversion.direct-response.anonymous&gad_source=1&gclid=Cj0KCQiA6vaqBhCbARIsACF9M6ngA_8JUWg1ads3-5zcz7dxBiIWtbYW3Gs7Q0PcjMJGpMnqivM4HFAaAnIIeALw_wcB&gclsrc=aw.ds. Acesso em: 14/11/2023

Unesco. (2015), **Unesco Science Report: towards 2030**. Paris, Unesco Publishing.

Vogel, Ezra F.. **Deng Xiaoping and the Transformation of China**. Reino Unido, Harvard University Press, 2013.

YANG, D. **Patterns of China's regional development strategy**. The China Quarterly, n. 122, jun., p. 230-257, 1990. Disponível em: <http://daliyang.com/files/Patterns_of_China_s_Regional_Development_Strategy.pdf>. Acesso em 12/05/2023

YANG, D. T.; FANG, C. **The political economy of China's rural-urban divide**. SCID Working Paper, Stanford University/Center for Research on Economic Development and Policy Reform, n. 62, Aug., 2000. Disponível em: <<http://siepr.stanford.edu/publicationsprofile/1517>> Acesso em 26/08/2023.

ZHENG, Yongnian; TOK, Sow Keat. **'HARMONIOUS SOCIETY' AND 'HARMONIOUS WORLD': CHINA'S POLICY DISCOURSE UNDER HU JINTAO**. University of Nottingham, China Policy Institute, outubro/2007.